

HISTÓRIA COMPARADA

IMPÉRIOS - VOLUME 11

# Industrialização, nacionalismos e imperialismo de alta intensidade

Conquistas, migrações e resistências

*África, Ásia, Europa, Américas e Pacífico - impérios, trabalho e soberania*

---

África, Ásia, Europa, Américas e Pacífico (c. 1850-1914) | Edição Definitiva 2026

*Texto original com referências acadêmicas, atividades e roteiro de estudo*

Leonel Edmundo Junior

## Apresentação

Este décimo primeiro volume acompanha um mundo transformado pela expansão industrial, pela construção de Estados nacionais, pela integração dos mercados e por uma aceleração sem precedentes da conquista colonial. Entre 1850 e 1914, ferrovias, telégrafos, navios a vapor, cabos submarinos, bancos, companhias e novos armamentos alteraram a distância prática entre territórios. Essas tecnologias ampliaram capacidades, mas não determinaram sozinhas quem governaria, quem trabalharia ou quem resistiria.

O período não será narrado como marcha inevitável da Europa sobre um planeta imóvel. Impérios Qing, otomano, russo, Habsburgo e britânico se reformaram sob pressões diferentes; o Japão Meiji construiu um Estado industrial e imperial; sociedades africanas centralizaram exércitos, negociaram tratados, reorganizaram comércio e enfrentaram invasões; nacionalistas indianos, chineses, egípcios, filipinos, coreanos e africanos elaboraram linguagens políticas próprias. Nas Américas, emancipação, imigração, expansão territorial e cidadania racialmente desigual coexistiram.

Industrialização também não é sinônimo de fábrica isolada. Ela ligou carvão, petróleo, aço, química, eletricidade e produção mecanizada a agricultura comercial, trabalho doméstico, mineração colonial, crédito, infraestrutura e consumo. Uma ferrovia podia integrar um mercado nacional, servir a uma ocupação militar, deslocar comunidades, transportar migrantes e fortalecer trabalhadores capazes de paralisar uma rede. O mesmo objeto possuía efeitos distintos conforme propriedade, tarifa, rota e autoridade.

Nacionalismo será tratado como linguagem e prática, não como essência eterna. Governantes, professores, militares, jornalistas, associações, igrejas, sindicatos e movimentos anticoloniais definiram quem pertencia à nação e quem permanecia excluído. Unificações da Itália e da Alemanha não criaram um modelo universal; impérios multinacionais continuaram poderosos, e projetos nacionais frequentemente atravessaram fronteiras imperiais.

O termo imperialismo de alta intensidade identifica a combinação, especialmente forte depois de 1870, entre competição interestatal, capital financeiro, empresas concessionárias, ciência racial, missões, infraestrutura e ocupação territorial. Não implica que todo investimento externo produziu colônia nem que metrópoles controlaram plenamente seus agentes. Concessão, protetorado, tratado desigual, colônia de povoamento, ocupação militar e governo indireto precisam ser distinguidos.

Guerras, coerção e regimes raciais fazem parte desta história, mas são descritos sem espetáculo. O objetivo é reconstruir decisões, instituições, interesses, experiências e consequências. Pessoas submetidas a conquista aparecem como sujeitos que preservaram conhecimento, reorganizaram famílias, recorreram a tribunais, migraram, negociaram, boicotaram, fizeram greve, criaram imprensa e mobilizaram resistência política ou armada.

**Autoria, pesquisa e uso editorial**

O texto, a estrutura explicativa, as sínteses e as comparações deste volume foram redigidos originalmente para esta coleção. Texto, organização e edição: Leonel Edmundo Junior. Pesquisa histórica baseada na bibliografia indicada. Apoio de pesquisa e redação: inteligência artificial. O material pode ser adaptado para estudo, aulas, blog, roteiro, vídeo ou podcast, preservando referências, créditos e licenças de imagens e distinguindo evidência, interpretação e hipótese.

**Pergunta central**

Como indústria, nacionalismos, migrações e novas formas de império redistribuíram poder entre 1850 e 1914, e por que essa redistribuição permaneceu contestada?

## Como usar este volume

Os capítulos 1 e 2 apresentam método, conceitos e o mundo ainda policêntrico de 1850. Os capítulos 3 e 4 explicam industrialização, infraestruturas, trabalho urbano e política social. Os capítulos 5 a 11 acompanham nacionalismos e reformas em impérios europeus e asiáticos. Os capítulos 12 e 13 centralizam formações africanas, partilha colonial e regimes de ocupação. Os capítulos 14 a 16 examinam emancipações, Américas, migrações e conexões globais. O capítulo 17 compara o mundo de 1914 sem tratar a guerra seguinte como resultado automático.

Cada capítulo contém uma pergunta de comparação, um quadro de mecanismos e um bloco mito versus evidência. Os apêndices oferecem cronologia, instantâneos de coexistência, matrizes, glossário, laboratório de fontes, bibliografia comentada, acervos digitais e roteiro de estudo.

## Convenções

O intervalo 1850-1914 é analítico. Processos começam antes ou continuam depois. Datas de anexação não equivalem ao início ou ao fim da resistência; independência jurídica não garante cidadania igual; abolição não elimina automaticamente coerção, dívida ou desigualdade; ferrovia construída não prova mercado integrado; fronteira desenhada em tratado não comprova ocupação efetiva.

Império designa uma formação que governa povos, territórios ou unidades políticas diferenciadas por hierarquias de soberania. Nação é uma comunidade política imaginada e institucionalizada; nacionalismo é o conjunto de práticas que afirma essa comunidade e reivindica poder em seu nome. Estado-nação é ideal e projeto, não descrição perfeita de toda sociedade.

Colônia de povoamento procura transferir população e substituir regimes territoriais; colônia de exploração prioriza receita, trabalho e exportação; protetorado preserva autoridades formalmente locais sob tutela externa; esfera de influência reivindica vantagem sem anexação completa. Casos reais podem combinar formas.

**Princípio editorial:** Modernidade não será usada como troféu europeu nem atraso como explicação automática. Toda comparação deve identificar escala, indicador, fonte, instituição e custo social.

## Sumário

|                                                                           |    |
|---------------------------------------------------------------------------|----|
| Apresentação.....                                                         | 2  |
| Mapa dos 14 volumes da coleção.....                                       | 6  |
| 1. Evidências, conceitos e problemas de periodização.....                 | 7  |
| 2. O mundo em 1850: integração desigual e soberanias abertas.....         | 8  |
| 3. Industrializações: energia, aço, química, eletricidade e finanças..... | 10 |
| 4. Trabalho, cidades, sindicatos e políticas sociais.....                 | 12 |
| 5. Nacionalismos, unificações e cidadanias na Europa.....                 | 14 |
| 6. Rússia e Habsburgos: reforma, império e nacionalidades.....            | 15 |
| 7. Otomanos, Egito e Irã: constituições, dívida e soberania.....          | 17 |
| 8. Índia sob o Raj: governo, infraestrutura e nacionalismo.....           | 19 |
| 9. China Qing: rebeliões, reformas, concessões e revolução.....           | 21 |
| 10. Japão Meiji, Coreia e a formação de um império asiático.....          | 23 |
| 11. Sudeste Asiático e Pacífico: colônias, fronteiras e soberanias.....   | 24 |
| 12. Áfricas antes e durante a partilha colonial.....                      | 26 |
| 13. Governos coloniais africanos, trabalho e resistências.....            | 28 |
| 14. Emancipações, pós-abolição e regimes raciais.....                     | 30 |
| 15. Américas: Estados, fronteiras, repúblicas e expansão imperial.....    | 32 |
| 16. Migrações, mercados globais e transformação ambiental.....            | 34 |
| 17. Comparação final: poder e crise por volta de 1914.....                | 35 |
| Apêndice A. Cronologia analítica.....                                     | 37 |
| Apêndice B. Quadros de coexistência.....                                  | 43 |
| Apêndice C. Matrizes comparativas.....                                    | 45 |
| Apêndice D. Glossário essencial.....                                      | 47 |
| Apêndice E. Laboratório de fontes e atividades.....                       | 50 |
| Bibliografia comentada.....                                               | 55 |
| Fontes digitais, cursos, aulas e documentários sérios.....                | 63 |
| Roteiro de estudo em oito semanas.....                                    | 68 |

## Mapa dos 14 volumes da coleção

A coleção principal percorre mais de quatro milênios de história imperial. Os recortes abaixo são pontos de observação comparativa: processos atravessam as fronteiras entre volumes e, quando necessário, os livros se sobrepõem deliberadamente.

| Volume | Recorte             | Função no percurso da coleção                                                                                                           |
|--------|---------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1      | Fundamentos         | Como surgem, funcionam e se transformam: método comparativo, poder, administração, economia, legitimidade, resistência e transformação. |
| 2      | c. 2350-539 a.C.    | Primeiros impérios da Antiguidade: Mesopotâmia, Egito, Anatólia e Levante.                                                              |
| 3      | c. 559-30 a.C.      | Da Pérsia aos reinos helenísticos: Aquemênidas, Alexandre, sucessores e conexões mediterrânicas e asiáticas.                            |
| 4      | c. 30 a.C.-300 d.C. | Roma, Pártia, Han e Cuchana: impérios conectados entre Mediterrâneo, Irã, Índia e China.                                                |
| 5      | c. 224-650          | Roma tardia, Sassânidas, Guptas e confederações das estepes: transformação da ordem antiga.                                             |
| 6      | c. 600-1000         | Califados, Bizâncio, Tang e novas formações imperiais: universalidades, fragmentação e redes.                                           |
| 7      | c. 1000-1300        | Song, sultanatos, cruzadas e expansão mongol: muitos centros e conexões afro-eurasiáticas, com comparação americana.                    |
| 8      | c. 1300-1500        | Da fragmentação mongol às novas potências: epidemias, redes globais e recomposição política.                                            |
| 9      | c. 1500-1700        | Conexões oceânicas e impérios da primeira modernidade: conquista, comércio, trabalho forçado e resistência.                             |
| 10     | c. 1700-1850        | Impérios, revoluções, industrialização e novas colonizações: reformas, emancipações e transformação do trabalho.                        |
| 11     | c. 1850-1914        | Industrialização, nacionalismos e imperialismo de alta intensidade: conquistas, migrações e resistências.                               |
| 12     | c. 1914-1945        | Guerras mundiais, revoluções e crise dos impérios: fascismos, colonialismos e autodeterminação.                                         |
| 13     | c. 1945-1991        | Descolonização, Guerra Fria e novos imperialismos: superpotências, revoluções e soberanias incompletas.                                 |
| 14     | c. 1991-2026        | Globalização, ordem unipolar e impérios em rede: intervenções, finanças, tecnologia e novas rivalidades.                                |

*Nota de periodização: os limites entre volumes não são “paredes” cronológicas. Sobreposições preservam continuidade quando uma transformação pertence simultaneamente ao encerramento de uma ordem e à formação de outra.*

## 1. Evidências, conceitos e problemas de periodização

### 1.1 Uma época filmada, medida e ainda assim incompleta

O período deixou censos, mapas, fotografias, filmes, jornais de circulação em massa, relatórios empresariais, estatísticas comerciais, correspondência telegráfica e arquivos administrativos em quantidade crescente. Essa abundância não elimina silêncio. Estados contaram o que podiam tributar, recrutar ou classificar; empresas registraram custos e lucros; missões descreveram comunidades a partir de objetivos próprios. Pessoas sem acesso regular à escrita oficial aparecem de modo fragmentado ou por mediação hostil.

Fotografia não é janela neutra. Enquadramento, pose, legenda, circulação e arquivo transformam seu significado. Um retrato colonial pode registrar vestuário e materialidade, mas também encenar hierarquia. Um filme de guerra pode ser reconstituição. Um mapa colorido pode representar pretensão diplomática em vez de administração cotidiana.

### 1.2 Escalas conectadas

Uma greve local pode depender do preço mundial do algodão; uma estrada de ferro financiada em Londres pode ser construída por trabalhadores indianos e disputada por autoridades provinciais; uma seca pode tornar-se crise grave quando impostos, exportações e transporte reduzem escolhas. A análise precisa alternar casa, vila, cidade, região, império e mercado mundial sem dissolver uma escala na outra.

Conexão não significa comando único. Cabos telegráficos aceleraram ordens, mas mensagens dependiam de operadores, estações, códigos, reparos e decisões locais. Mercadorias cruzavam oceanos; sua produção permanecia organizada por direitos de terra, gênero, parentesco e coerção específicos.

### 1.3 Números e categorias estatais

Censos criaram séries úteis sobre população, idioma, religião, ocupação e residência. Também transformaram identidades flexíveis em caixas administrativas. Comparar dois censos exige verificar território coberto, definição de domicílio, método de enumeração e finalidade fiscal. Categorias raciais, tribais ou de casta podiam consolidar classificações antes negociáveis.

Estatísticas de comércio registram alfândegas, não toda circulação. Produção industrial pode ser medida por toneladas, valor, potência instalada ou trabalhadores; cada indicador responde a pergunta diferente. Índices nacionais escondem desigualdades regionais e dependência de insumos externos.

### 1.4 Fontes subalternas e leitura contra o arquivo

Petições, processos, canções, jornais comunitários, atas sindicais, cartas de migrantes, genealogias, objetos, memória oral e paisagem ajudam a reconstruir experiências além do relatório oficial. Ler contra o arquivo não significa imaginar o que falta, mas comparar intenções do documento com indícios que escaparam à sua finalidade.

Um relatório sobre ausência ao trabalho pode revelar calendário agrícola ou resistência; um processo de terra pode preservar limites comunitários; uma lista de passageiros mostra mobilidade, mas não explica expectativa, coerção ou retorno. Cruzamento de gêneros é mais seguro que confiança total em uma fonte eloquente.

## 1.5 Causalidade sem inevitabilidade

O intervalo termina em 1914, mas a Primeira Guerra Mundial não deve ser projetada para trás como destino. Alianças, armamentos, crises imperiais e nacionalismos aumentaram riscos; decisões específicas ainda foram necessárias para converter crise em guerra geral. Do mesmo modo, a partilha da África não estava programada em 1850: dependeu de disputas posteriores, tecnologias, agentes locais, finanças, oportunidades e escolhas políticas.

| Fonte               | Potencial analítico                     | Limite frequente                   | Cruzamento recomendado                                   |
|---------------------|-----------------------------------------|------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| Censo               | População, ocupação e classificação     | Categorias mutáveis e sub-registro | Instruções, mapas, listas locais e crítica institucional |
| Fotografia ou filme | Materialidade, performance e circulação | Enquadramento e encenação          | Legenda original, autoria, série e recepção              |
| Relatório colonial  | Receita, conflito e administração       | Perspectiva de controle            | Petições, imprensa local, fontes orais e arqueologia     |
| Arquivo empresarial | Capital, contrato e logística           | Custos humanos omitidos            | Registros públicos, sindicatos e comunidades             |
| Memória pessoal     | Experiência, linguagem e expectativa    | Seleção retrospectiva              | Cronologia, outros testemunhos e contexto editorial      |

**Mito versus evidência:** Mito: mais estatística significa verdade automática. Evidência: séries ampliam comparação, mas dependem das categorias, fronteiras, interesses e métodos que as produziram.

**Leituras-base do capítulo:** Jürgen Osterhammel, *The Transformation of the World*; C. A. Bayly, *The Birth of the Modern World*; Ann Laura Stoler, *Along the Archival Grain*; Frederick Cooper, *Colonialism in Question*; Lara Putnam, *The Transnational and the Text-Searchable*.

## 2. O mundo em 1850: integração desigual e soberanias abertas

### 2.1 Poder britânico sem governo mundial

Por volta de 1850, a Grã-Bretanha combinava indústria, finanças, marinha, comércio e territórios coloniais em escala excepcional. Controlava a Índia por meio da Companhia das Índias Orientais, possuía bases navais e articulava crédito, seguros e transporte. Essa vantagem não equivalia a soberania planetária. Qing, Rússia, Otomanos, Qajar, Habsburgos, Tokugawa, reinos africanos e repúblicas americanas tomavam decisões próprias e podiam bloquear, negociar ou redirecionar pressões externas.

Livre-comércio foi doutrina e instrumento, mas nunca ausência de poder. Tratados, tarifas, bloqueios, companhias e marinhas definiam condições. O Estado britânico defendia rotas e propriedade enquanto empresários calculavam riscos; interesses metropolitanos não formavam uma vontade única.

## 2.2 Ásia: população, produção e reformas possíveis

China e Índia reuniam enormes populações, economias agrárias complexas, manufaturas e redes mercantis. A derrota Qing na Guerra do Ópio e a crise mogol anterior não demonstravam incapacidade cultural. Revelavam problemas fiscais, militares e políticos específicos, além de assimetria naval. Japão Tokugawa possuía urbanização, alfabetização e mercados capazes de sustentar reforma posterior.

No Sudeste Asiático, reinos e portos negociavam com britânicos, neerlandeses, franceses, chineses e indianos. Siam preservaria soberania formal por diplomacia e reforma; Vietnã, Birmânia e arquipélagos seriam incorporados por trajetórias diferentes. Não existia uma Ásia homogênea diante da Europa.

## 2.3 Áfricas em transformação

Grande parte da África ainda era governada por autoridades africanas. Califado de Sokoto, Asante, Daomé, Etiópia, Madagascar, estados do vale do Nilo, reinos dos Grandes Lagos, formações suaílis, Zulu e muitas outras sociedades possuíam instituições e relações externas próprias. O fim gradual do tráfico atlântico alterava preços, rotas e incentivos sem abolir escravidão ou comércio de pessoas.

Exportações de óleo de palma, amendoim, goma, marfim, cravo, ouro e outros produtos ampliaram relações costeiras. Intermediários africanos escolheram alianças e reorganizaram produção, mas enfrentaram coerção externa crescente. Missões e expedições científicas eram também redes de informação úteis a projetos imperiais.

## 2.4 Américas: soberania, expansão e desigualdade

Estados americanos eram juridicamente independentes, mas disputavam fronteiras, dívida, federalismo e cidadania. Os Estados Unidos haviam ampliado território continental e continuavam escravistas; Brasil era monarquia escravista; Cuba e Porto Rico permaneciam sob Espanha. México, Andes e Cone Sul enfrentavam guerras civis, negociações regionais e pressão financeira.

Povos indígenas mantinham soberanias e territórios que mapas nacionais frequentemente tratavam como vazios. Expansão agrícola, mineração, ferrovias e colonização de povoamento transformariam essas fronteiras por tratados, campanhas, assentamento e deslocamento.

## 2.5 Integração por mercadorias e informação

Algodão, açúcar, café, chá, ópio, lã, trigo, prata e guano ligavam ecologias e regimes de trabalho. Uma crise de safra ou guerra regional podia repercutir em fábricas e portos distantes. Navios a vapor e telégrafo reduziam tempo de circulação, mas fretes, sazonalidade, crédito e infraestrutura continuavam desiguais.

| Espaço c. 1850       | Formação dominante                        | Conexão ampla                       | Questão em aberto                                   |
|----------------------|-------------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| Grã-Bretanha e Índia | Império industrial e governo de companhia | Algodão, receita, marinha e crédito | Como converter influência em administração durável? |
| China Qing           | Império continental multiétnico           | Chá, prata, portos de tratado       | Como reformar sem perder soberania?                 |
| África               | Estados, reinos e comunidades diversos    | Atlântico, Saara e Índico           | Quem controlará comércio e fronteiras?              |

| Espaço c. 1850 | Formação dominante                            | Conexão ampla                  | Questão em aberto                             |
|----------------|-----------------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------------------------|
| Américas       | Repúblicas, monarquia brasileira e colônias   | Dívida, migração e commodities | Quem será cidadão e proprietário?             |
| Pacífico       | Soberanias indígenas e colônias de povoamento | Baleação, comércio e missões   | Tratados reconhecerão ou reduzirão soberania? |

**Mito versus evidência:** Mito: em 1850 a Europa já controlava o mundo. Evidência: havia vantagem britânica e pressões crescentes, mas soberanias asiáticas, africanas, americanas e indígenas ainda condicionavam a maioria das decisões territoriais.

**Leituras-base do capítulo:** C. A. Bayly, *The Birth of the Modern World*; John Darwin, *After Tamerlane*; Jürgen Osterhammel, *The Transformation of the World*; Kenneth Pomeranz, *The Great Divergence*; Jane Burbank e Frederick Cooper, *Empires in World History*.

### 3. Industrializações: energia, aço, química, eletricidade e finanças

#### 3.1 Industrialização no plural

Depois de 1850, industrialização avançou em partes da Europa continental, Estados Unidos, Japão e, de maneira desigual, Rússia e outras regiões. Não houve cópia simples da experiência britânica. Alemanha combinou educação técnica, bancos e empresas químicas; Estados Unidos exploraram mercado continental, recursos e produção padronizada; Japão articulou reforma fiscal, importação tecnológica, empresários e Estado; Rússia concentrou investimentos em mineração, ferrovias e setores pesados.

Regiões que não se industrializaram no mesmo ritmo não ficaram fora do processo. Forneceram algodão, borracha, cobre, estanho, nitratos, alimentos, trabalho e mercados. Desindustrialização relativa podia resultar de tarifas, concorrência, acesso a crédito, coerção colonial ou mudança de demanda, não de incapacidade cultural.

#### 3.2 Aço, máquinas e produção em escala

Novos processos reduziram custos do aço e permitiram trilhos, pontes, navios, máquinas e estruturas urbanas. Peças intercambiáveis, máquinas-ferramenta e organização fabril ampliaram séries de produção. Ainda assim, oficinas, artesanato e trabalho doméstico permaneceram essenciais. Grandes fábricas dependiam de fornecedores menores, reparos qualificados e redes comerciais.

Produtividade não deve ser confundida com bem-estar. Aumento de produção podia coexistir com jornadas longas, acidentes, disciplina rígida, habitação precária e desigualdade. Salário nominal, preço de alimentos, aluguel, tempo de trabalho e segurança precisam ser comparados.

#### 3.3 Química, eletricidade e petróleo

Corantes sintéticos, fertilizantes, medicamentos, explosivos industriais e novos materiais ligaram laboratório, universidade, patente e empresa. Eletricidade transformou iluminação, transporte urbano, comunicação e máquinas; sua adoção dependia de redes, padrões técnicos e investimento. Petróleo ganhou importância em iluminação, química e motores, embora carvão continuasse central.

Tecnologia era transferida por livros, engenheiros, espionagem industrial, formação no exterior, compra de equipamentos e adaptação local. Receber tecnologia não significa passividade: técnicos japoneses, russos, indianos, latino-americanos e otomanos reinterpretaram modelos conforme recursos e instituições.

### 3.4 Ferrovias, portos e telégrafos

Infraestrutura reduziu custos em alguns corredores e ampliou capacidade estatal. Ferrovias transportavam mercadorias, tropas e migrantes; telégrafos aceleravam preços e ordens; portos e canais reorganizavam rotas. O Canal de Suez, aberto em 1869, encurtou a ligação marítima entre Mediterrâneo e oceano Índico e elevou a importância estratégica do Egito.

Traçado importava. Linhas podiam conectar interior a portos de exportação sem integrar mercados regionais. Garantias públicas de lucro transferiam risco a contribuintes. Terras concedidas a companhias favoreciam especulação e assentamento. Infraestrutura deve ser analisada como instituição territorial, não apenas engenharia.

### 3.5 Bancos, empresas e capital

Sociedades anônimas, bolsas, seguros, bancos universais e dívida pública reuniram recursos de muitos investidores. Empresas multinacionais coordenavam mineração, transporte, comércio e concessões. Capital financeiro podia pressionar governos devedores e sustentar ocupação, mas investidores competiam, erravam e dependiam de proteção estatal.

Impérios e Estados nacionais financiaram infraestrutura por impostos, empréstimos e receitas coloniais. Quando dívida externa se tornava impagável, comissões internacionais ou credores podiam controlar alfândegas e orçamentos, reduzindo autonomia sem anexação formal.

### 3.6 Energia, ambiente e custo deslocado

Carvão e petróleo concentraram energia, mas sua extração transformou paisagens e relações de trabalho. Mineração, monocultura, corte de florestas, caça comercial e grandes obras alteraram rios, solos e habitats. Custos ambientais frequentemente foram deslocados para comunidades colonizadas ou operárias, enquanto lucros se acumulavam em centros distantes.

| Sistema                  | Capacidade ampliada                      | Dependência criada                    | Pergunta crítica                           |
|--------------------------|------------------------------------------|---------------------------------------|--------------------------------------------|
| Aço e máquina-ferramenta | Trilhos, navios e produção seriada       | Minério, carvão, capital e habilidade | Quem controla padrões e manutenção?        |
| Eletricidade             | Luz, transporte e motores distribuídos   | Rede, concessão e investimento        | Quem recebe serviço e a que preço?         |
| Ferrovia e porto         | Circulação rápida e projeção territorial | Traçado, tarifa, terra e dívida       | Integra mercado ou corredor de exportação? |
| Empresa acionária        | Capital em grande escala                 | Proteção jurídica e informação        | Quem assume perdas e custos sociais?       |
| Química e petróleo       | Novos produtos, combustíveis e insumos   | Patentes, laboratórios e extração     | Onde ficam resíduos e riscos?              |

**Mito versus evidência:** Mito: uma invenção produz automaticamente industrialização. Evidência: inovação só altera escala quando se combina com energia, capital, conhecimento, trabalho, manutenção, demanda e decisões políticas.

**Leituras-base do capítulo:** Robert C. Allen, *The British Industrial Revolution in Global Perspective*; Joel Mokyr, *The Enlightened Economy*; David S. Landes, *The Unbound Prometheus*; Vaclav Smil, *Creating the Twentieth Century*; Daniel R. Headrick, *The Tentacles of Progress*.

## 4. Trabalho, cidades, sindicatos e políticas sociais

### 4.1 Um mundo de trabalho diverso

Fábrica assalariada foi apenas parte do trabalho global. Camponeses, meeiros, artesãos, domésticas, estivadores, mineiros, vendedores, trabalhadores contratados e pessoas submetidas a coerção produziam para mercados locais e mundiais. Famílias combinavam salários, agricultura, aluguel de quartos, cuidado e produção domiciliar.

Gênero e idade estruturavam remuneração e autoridade. Mulheres foram centrais em têxteis, serviço doméstico, comércio e trabalho rural; crianças participaram de oficinas, minas, lavoura e casas. Leis reduziram certas formas de trabalho infantil em alguns países, mas fiscalização e escolarização variaram.

### 4.2 Urbanização, habitação e saúde pública

Cidades industriais cresceram por migração e expansão natural. Água, esgoto, coleta, transporte e habitação raramente acompanharam o ritmo. Epidemias e poluição estimularam engenharia sanitária e administração municipal, mas bairros pobres receberam investimentos tardios ou coercitivos.

Reformas urbanas abriram avenidas, parques e redes, ao mesmo tempo que valorizaram terras e deslocaram residentes. Estatística médica, mapas e inspeções ampliaram capacidade pública; também classificaram populações e justificaram vigilância.

### 4.3 Sindicatos, cooperativas e greves

Trabalhadores organizaram sociedades de auxílio, sindicatos, cooperativas, partidos e greves. Reivindicações incluíam salário, jornada, segurança, reconhecimento e sufrágio. Ferrovias e portos facilitaram coordenação; a concentração de trabalhadores em redes essenciais criou capacidade de interrupção.

Organização não era uniforme. Ofícios qualificados podiam excluir mulheres, migrantes ou trabalhadores racializados. Leis variavam entre repressão, tolerância e reconhecimento. Greve geral foi horizonte poderoso, mas coalizões dependiam de linguagem, solidariedade e recursos.

### 4.4 Socialismos, anarquismos e reformismos

Socialismo reuniu tradições diversas: marxismos, social-democracia, mutualismo, cooperativismo e projetos agrários. Anarquistas criticaram Estado, capital e hierarquias; redes migrantes circularam ideias entre Europa, Américas e Mediterrâneo. Partidos operários disputaram eleições onde sufrágio permitia e organizaram educação, imprensa e lazer.

Ideias foram traduzidas, não copiadas. Trabalhadores argentinos, brasileiros, russos, japoneses e indianos combinaram vocabulários internacionais com condições locais. Reforma e revolução não eram polos simples: movimentos podiam exigir legislação imediata e transformação estrutural.

#### 4.5 Políticas sociais e Estado

Governos criaram inspeção fabril, seguros, previdência, escolas e regulação sanitária por razões humanitárias, eleitorais, militares e de controle. Alemanha de Bismarck tornou-se referência de seguros sociais; outros países adaptaram medidas. Benefícios podiam integrar trabalhadores ao Estado sem democratizar plenamente relações de trabalho.

Capacidade social não cresceu apenas de cima. Campanhas, sindicatos, médicos, municípios, associações femininas e movimentos religiosos pressionaram por mudanças. Comparar leis exige verificar cobertura, financiamento, acesso e execução.

#### 4.6 Trabalho colonial e coerção

Abolição jurídica da escravidão não encerrou coerção. Impostos monetários, recrutamento, contratos punitivos, trabalho obrigatório, servidão por dívida e restrições de mobilidade criaram mão de obra para plantações, minas e obras. Não são instituições idênticas à escravidão, mas devem ser examinadas por liberdade de saída, sanção, remuneração e direitos familiares.

| Forma de organização         | Base social                | Instrumento                             | Limite ou contradição                         |
|------------------------------|----------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------------------------|
| Sindicato de ofício          | Trabalhadores qualificados | Caixa, negociação e greve               | Exclusões por gênero, origem ou habilidade    |
| Partido operário             | Eleitores e associações    | Parlamento, imprensa e programa         | Sufrágio restrito e divisão ideológica        |
| Cooperativa                  | Consumidores ou produtores | Compra, crédito e propriedade comum     | Escala, capital e concorrência                |
| Mutualismo                   | Comunidades de trabalho    | Auxílio em doença, desemprego e funeral | Recursos limitados e cobertura desigual       |
| Trabalho colonial coercitivo | Comunidades tributadas     | Imposto, contrato e recrutamento        | Violência institucional e mobilidade reduzida |

**Mito versus evidência:** Mito: trabalho livre substituiu coerção depois da abolição. Evidência: contrato assalariado se expandiu, mas coexistiu com dívida, recrutamento, legislação penal, dependência doméstica e trabalho obrigatório.

**Leituras-base do capítulo:** Marcel van der Linden, *Workers of the World*; Jan Lucassen, *The Story of Work*; E. P. Thompson, *The Making of the English Working Class*; Eric Hobsbawm, *Labouring Men*; Patrick Joyce, *The Rule of Freedom*.

## 5. Nacionalismos, unificações e cidadanias na Europa

### 5.1 Nacionalismo como construção política

Nacionalistas transformaram idioma, história, território e cultura em argumentos de soberania. Escolas, exércitos, mapas, museus, censos, feriados e imprensa ajudaram a tornar comunidades nacionais imagináveis. Isso não prova que populações aceitassem a mesma identidade nem que fronteiras nacionais fossem naturais.

Estados podiam criar nações ao mesmo tempo que movimentos nacionais pressionavam Estados. Padronização linguística ampliou comunicação e participação, mas desvalorizou dialetos e minorias. Serviço militar e escola difundiram símbolos comuns enquanto reproduziam hierarquias de classe e gênero.

### 5.2 A unificação italiana

O Reino do Piemonte-Sardenha combinou diplomacia, guerra e reforma administrativa; movimentos republicanos e voluntários também foram decisivos. A unificação avançou em etapas entre 1859 e 1870, incorporando estados e territórios com experiências distintas. A monarquia piemontesa prevaleceu sobre projetos federais e republicanos.

Depois da unificação, construir administração, impostos, escola e exército exigiu negociação e coerção. Conflitos no sul, desigualdade regional e participação política restrita revelam que unidade jurídica não criou imediatamente comunidade homogênea. Migração interna e externa tornou-se parte dessa formação nacional.

### 5.3 Alemanha sob predominância prussiana

A Prússia utilizou união aduaneira, reforma militar, diplomacia e guerras para reorganizar o espaço germânico. O Império Alemão proclamado em 1871 era federação de monarquias sob forte peso prussiano, com sufrágio masculino para o Reichstag, chanceler responsável ao imperador e amplos poderes dos estados no Bundesrat.

Industrialização, urbanização e partidos de massa transformaram o império. Católicos, social-democratas, liberais e conservadores disputaram pertencimento. Políticas contra catolicismo e socialismo mostraram limites da integração; legislação social e nacionalismo imperial buscaram novas lealdades.

### 5.4 França: república, cidadania e império

A derrota de 1870-1871 encerrou o Segundo Império e abriu a Terceira República. Conflitos entre republicanos, monarquistas, Igreja, Exército e movimentos sociais marcaram décadas seguintes. Escola laica, serviço militar e símbolos republicanos contribuíram para nacionalização, mas cidadania permaneceu atravessada por classe, gênero, religião e colonialismo.

A França republicana expandiu império na África e na Ásia. Direitos proclamados na metrópole não foram aplicados igualmente a súditos coloniais. A contradição não era acidente periférico: império, prestígio internacional, economia e política doméstica estavam conectados.

## 5.5 Minorias, fronteiras e exclusões

Poloneses, irlandeses, bascos, catalães, tchecos, eslovacos, croatas, sérvios, romenos, ucranianos e outros grupos formularam projetos diversos. Alguns pediam autonomia cultural, outros federalismo ou independência. Identidade religiosa e regional podia coexistir com pertencimento imperial ou nacional.

Antissemitismo moderno combinou preconceitos antigos, nacionalismo racial, política de massa e teorias pseudocientíficas. Emancipação jurídica de judeus avançou em vários países, mas não eliminou discriminação. O caso Dreyfus na França expôs disputas entre direitos republicanos e nacionalismo excludente.

## 5.6 Cidadania de massa incompleta

Sufrágio masculino ampliou-se, partidos organizaram eleitores e jornais alcançaram públicos maiores. Mulheres permaneceram sem voto nacional na maior parte da Europa até depois de 1914, embora movimentos sufragistas, socialistas e reformistas ampliassem presença pública. Cidadania social, civil e política avançou em ritmos diferentes.

| Caso           | Instrumento de unificação             | Instituição resultante                         | Contradição duradoura                         |
|----------------|---------------------------------------|------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| Itália         | Guerra, diplomacia e mobilização      | Monarquia constitucional centralizada          | Desigualdade regional e sufrágio restrito     |
| Alemanha       | Prússia, união aduaneira e guerra     | Federação imperial                             | Predomínio prussiano e autoridade executiva   |
| França         | República, escola e serviço militar   | Estado republicano centralizado                | Império colonial e exclusões de cidadania     |
| Irlanda        | Partido, associação e reforma agrária | Autonomia negociada, ainda não efetiva em 1914 | União britânica, religião e propriedade       |
| Europa central | Cultura, parlamento e autonomia       | Projetos nacionais concorrentes                | Populações misturadas e fronteiras disputadas |

**Mito versus evidência:** Mito: cada nação europeia encontrou seu Estado natural. Evidência: escolas, exércitos, plebiscitos, guerras, negociações e exclusões construíram pertencimentos sobre territórios multilíngues e politicamente disputados.

**Leituras-base do capítulo:** Eric Hobsbawm, *Nations and Nationalism since 1780*; Benedict Anderson, *Imagined Communities*; Eugen Weber, *Peasants into Frenchmen*; James J. Sheehan, *German History 1770-1866*; Lucy Riall, *The Italian Risorgimento*.

# 6. Rússia e Habsburgos: reforma, império e nacionalidades

## 6.1 Impérios continentais modernos

Rússia e Habsburgos eram formações dinásticas extensas, multilíngues e multirreligiosas. Não foram fósseis condenados por conter muitas nacionalidades; possuíam administrações, exércitos, mercados e elites capazes de adaptação. Seus problemas surgiram da combinação entre participação limitada, desigualdade agrária, competição militar e projetos nacionais concorrentes.

Ferrovias, censos, escolas e serviço militar aumentaram presença estatal. Também ofereceram recursos para mobilização política e difusão de identidades. Modernização podia integrar e desestabilizar ao mesmo tempo.

## 6.2 Rússia depois da Guerra da Crimeia

A derrota na Guerra da Crimeia estimulou as Grandes Reformas de Alexandre II. A emancipação dos servos em 1861 alterou vínculos jurídicos, mas terra, pagamentos de resgate e comunidade camponesa limitaram autonomia. Reformas judiciais, militares e locais ampliaram capacidade estatal e espaços de participação sem criar governo representativo nacional.

Industrialização acelerou em São Petersburgo, Moscou, Donbass, Polônia e Baku, financiada por Estado, capital estrangeiro e empresários locais. Crescimento desigual formou concentrações operárias e tensões urbanas. O campo continuou central para impostos, recrutamento e vida social.

## 6.3 Fronteiras e colonização russa

Expansão no Cáucaso, Ásia Central, Sibéria e Extremo Oriente combinou guerra, tratado, assentamento, missões e administração diferenciada. Povos locais negociaram, resistiram ou integraram instituições em posições desiguais. Ferrovias, inclusive a Transiberiana, reforçaram circulação militar e econômica.

Russificação não foi política uniforme. Idioma, religião, escola e administração variaram por região e período. Elites polonesas, finlandesas, bálticas, ucranianas, judaicas, muçulmanas e caucasianas enfrentaram combinações diferentes de autonomia, discriminação e incorporação.

## 6.4 O compromisso austro-húngaro

Derrotas externas e tensões internas levaram ao Compromisso de 1867, que criou a Monarquia Dual. Áustria e Hungria compartilhavam soberano, diplomacia e forças comuns, mas possuíam governos e parlamentos próprios. O arranjo estabilizou o império e privilegiou elites germano-austríacas e magiares.

Tchecos, eslovacos, croatas, romenos, poloneses, rutênios, eslovenos, italianos e outros grupos buscaram idioma oficial, escola, voto e autonomia. Cidades e regiões tinham populações misturadas; estatística de língua podia converter práticas plurais em blocos nacionais.

## 6.5 Política de massa e crise de 1905

Na Rússia, partidos liberais, socialistas, nacionalistas e movimentos camponeses cresceram. A guerra russo-japonesa expôs falhas logísticas e políticas. A Revolução de 1905 produziu greves, soviets, protestos camponeses e demandas nacionais; o regime criou Duma e direitos limitados, preservando poder imperial e capacidade repressiva.

Reformas de Stolypin procuraram ampliar propriedade camponesa e estabilidade. Resultados variaram regionalmente. Em 1914, Rússia possuía indústria crescente, grande exército e instituições incompletamente representativas; fragilidade e força coexistiam.

## 6.6 Bálcãs e competição imperial

Declínio do controle otomano em partes dos Bálcãs, independências e rivalidades atraíram Rússia, Áustria-Hungria e outras potências. Nacionalismos balcânicos não eram meros instrumentos externos, mas apoio e intervenção internacionais alteraram oportunidades. Fronteiras raramente correspondiam a populações uniformes.

| Mecanismo       | Rússia                               | Habsburgos                                                | Límite comum                                   |
|-----------------|--------------------------------------|-----------------------------------------------------------|------------------------------------------------|
| Reforma agrária | Emancipação e pagamentos             | Fim anterior de obrigações feudais, desigualdade regional | Terra e crédito distribuídos de modo desigual  |
| Representação   | Zemstvos e Duma limitada             | Parlamentos dualistas e provinciais                       | Sufrágio e poder executivo assimétricos        |
| Nacionalidades  | Autonomia seletiva e russificação    | Negociação, idioma e compromisso                          | Populações misturadas desafiam fronteira única |
| Infraestrutura  | Ferrovias continentais e colonização | Integração danubiana e ferroviária                        | Dívida, estratégia e desenvolvimento desigual  |
| Exército        | Recrutamento imperial amplo          | Forças comuns e territoriais                              | Lealdade não pode ser deduzida de idioma       |

**Mito versus evidência:** Mito: impérios multinacionais eram anomalias destinadas a desaparecer. Evidência: Rússia e Habsburgos reformaram instituições e mobilizaram recursos; suas crises vieram de escolhas políticas e competições específicas, não apenas da diversidade.

**Leituras-base do capítulo:** Dominic Lieven, *Empire*; Geoffrey Hosking, *Russia: People and Empire*; Jane Burbank, *Russian Peasants Go to Court*; Pieter M. Judson, *The Habsburg Empire*; Alexei Miller, *The Romanov Empire and Nationalism*.

## 7. Otomanos, Egito e Irã: constituições, dívida e soberania

### 7.1 Reformar para governar

O Império Otomano enfrentava pressão russa, nacionalismos, competição europeia e desigualdade fiscal, mas continuava soberano sobre vastos territórios. Reformas do Tanzimat reorganizaram ministérios, exército, impostos, tribunais, educação e estatuto de súditos. Igualdade jurídica anunciada em 1839 e 1856 foi negociada por comunidades e aplicada de modo desigual.

Reforma não foi simples europeização. Administradores otomanos selecionaram técnicas, dialogaram com tradições islâmicas e responderam a problemas internos. Províncias, notáveis, municípios, comerciantes e líderes religiosos mediam o Estado.

### 7.2 Constituição e centralização

A Constituição de 1876 e o parlamento surgiram em meio a crise financeira e guerra. O sultão Abdülhamid II suspendeu o parlamento em 1878, mas expandiu escola, telégrafo, ferrovia, espionagem e administração. Centralização combinou modernização institucional, ideologia islâmica imperial e restrição política.

Jovens Otomanos e depois Jovens Turcos defenderam constitucionalismo por caminhos distintos. A Revolução de 1908 restaurou parlamento; conflitos partidários, nacionalismos e guerras continuaram. O Comitê União e Progresso tornou-se força decisiva, sem controlar plenamente todo o império.

### 7.3 Dívida e soberania otomana

Empréstimos externos financiaram guerra e infraestrutura. A moratória de 1875 levou à Administração da Dívida Pública Otomana, que controlava receitas específicas. Isso reduziu autonomia fiscal, mas não converteu o império inteiro em colônia. Credores, governo, empresas e potências negociavam interesses concorrentes.

Ferrovias como as linhas da Anatólia e de Bagdá tinham valor comercial, estratégico e diplomático. Concessões nunca foram apenas investimentos privados: envolviam terra, garantias, soberania e competição internacional.

### 7.4 Egito: algodão, canal e ocupação

Sob a dinastia de Muhammad Ali, o Egito permaneceu formalmente otomano com ampla autonomia. Algodão, obras públicas, exército e burocracia sustentaram ambições; dívida cresceu. O Canal de Suez aproximou rotas imperiais, mas seus benefícios e custos foram distribuídos de modo desigual.

Controle financeiro anglo-francês e revolta nacional liderada por Ahmad Urabi antecederam a ocupação britânica de 1882. A Grã-Bretanha administrou o Egito mantendo ficções jurídicas otomanas e governo quederal. Nacionalistas, proprietários, oficiais, camponeses e intelectuais disputaram constituição e autonomia.

### 7.5 Irã Qajar entre concessões e constitucionalismo

O Irã Qajar enfrentava pressão russa e britânica, receitas limitadas e poder provincial. Concessões a estrangeiros provocaram oposição por afetar mercados e soberania. O Protesto do Tabaco de 1891-1892 reuniu comerciantes, clérigos e públicos urbanos contra monopólio concedido a uma empresa britânica.

A Revolução Constitucional de 1905-1911 criou assembleia e buscou limitar autoridade, reformar finanças e defender independência. Coalizões eram heterogêneas; intervenção externa e conflitos internos restringiram resultados. Ainda assim, constitucionalismo iraniano não foi importação passiva, mas resposta própria a governo, justiça e soberania.

### 7.6 Comunidades e violências de fronteira

Muçulmanos, cristãos, judeus e outros grupos viveram sob instituições imperiais diversas. Reformas de cidadania e nacionalismos alteraram relações locais. Conflitos na Anatólia, Balcãs e Levante tiveram causas políticas, sociais e internacionais específicas; não devem ser reduzidos a ódios antigos.

| Caso            | Reforma ou pressão            | Instituição                                  | Questão de soberania                |
|-----------------|-------------------------------|----------------------------------------------|-------------------------------------|
| Império Otomano | Tanzimat e competição militar | Ministérios, escola e novos tribunais        | Centralização versus autonomias     |
| Abdülhamid II   | Infraestrutura e oposição     | Administração ampliada e parlamento suspenso | Modernização sem participação ampla |

| Caso              | Reforma ou pressão             | Instituição                              | Questão de soberania                         |
|-------------------|--------------------------------|------------------------------------------|----------------------------------------------|
| Egito             | Dívida, canal e nacionalismo   | Controle financeiro e ocupação britânica | Autonomia formal versus governo efetivo      |
| Irã Qajar         | Concessões e pressão externa   | Assembleia constitucional                | Receita estatal e independência              |
| Províncias árabes | Municípios, imprensa e reforma | Notáveis e burocracias locais            | Ottomanismo, autonomia e novos nacionalismos |

**Mito versus evidência:** Mito: dívida estrangeira automaticamente transforma um país em colônia. Evidência: dívida pode restringir orçamento e transferir receitas, mas ocupação, protetorado e anexação exigem mecanismos políticos e militares adicionais.

**Leituras-base do capítulo:** Donald Quataert, *The Ottoman Empire, 1700-1922*; M. Şükrü Hanioglu, *A Brief History of the Late Ottoman Empire*; Selim Deringil, *The Well-Protected Domains*; Juan Cole, *Colonialism and Revolution in the Middle East*; Nikki R. Keddie, *Modern Iran*.

## 8. Índia sob o Raj: governo, infraestrutura e nacionalismo

### 8.1 A rebelião de 1857 e seus significados

Em 1857, unidades de soldados indianos se rebelaram e o conflito alcançou cortes, cidades, proprietários, camponeses e comunidades do norte e centro da Índia. Motivações variavam: disciplina militar, religião, anexações, terra, receita e lealdades dinásticas. Chamar o episódio apenas de motim reduz sua amplitude; tratá-lo como movimento nacional uniforme também apaga diferenças.

A vitória britânica foi seguida pela dissolução do governo da Companhia. Em 1858, a Coroa assumiu administração, prometeu respeito a príncipes e religião e reorganizou exército. Estados principescos permaneceram parte essencial do Raj, sob soberania graduada.

### 8.2 Estado colonial e intermediários indianos

O Raj dependia de funcionários, soldados, proprietários, banqueiros, intérpretes, professores e profissionais indianos. Um número pequeno de britânicos governava por camadas de colaboração e diferenciação jurídica. Distritos, províncias e estados principescos possuíam regimes distintos.

Censos, códigos e etnografias classificaram castas, tribos e religiões. Essas categorias dialogavam com identidades existentes, mas administração as estabilizou e hierarquizou. Conhecimento colonial era produzido com participação indiana, sem ser por isso neutro.

### 8.3 Terra, receita e agricultura comercial

Sistemas de receita variavam por região e influenciavam proprietários, arrendatários e cultivadores. Algodão, juta, chá, índigo, trigo e ópio integraram a Índia a mercados globais. Preços podiam criar oportunidade e vulnerabilidade; dívida rural e poder de credores restringiam escolhas.

Crises de subsistência no fim do século XIX resultaram de seca combinada com pobreza, saúde, mercado, receita e capacidade pública. Ferrovias podiam transportar alimentos, mas não garantiam acesso a quem não possuía renda. Explicações puramente climáticas ou puramente comerciais são insuficientes.

#### 8.4 Ferrovias, telégrafo e exército

Uma das maiores redes ferroviárias do mundo foi construída com capital, garantias e trabalho em grande parte ligados à Índia. Linhas integraram portos, mercados e administração, facilitaram mobilidade e circulação política, além de permitir deslocamento militar. Benefícios e tarifas variaram por classe, produto e região.

Soldados indianos serviram em campanhas dentro e fora do subcontinente. O exército tornou a Índia base de projeção britânica no Índico, África e Ásia. Custos militares pesavam sobre receitas indianas e conectavam governo colonial à política imperial global.

#### 8.5 Educação, imprensa e associações

Universidades, escolas, imprensa em línguas indianas e inglesa, sociedades religiosas e associações profissionais ampliaram esfera pública. Reformadores debateram gênero, religião, casta, ciência e representação. Não formaram uma elite ocidentalizada única; disputavam múltiplas visões de Índia e comunidade.

O Congresso Nacional Indiano, criado em 1885, começou por petições, orçamento e acesso ao serviço público. Críticas econômicas ao chamado dreno de riqueza transformaram dados imperiais em argumento nacionalista. A partição de Bengala em 1905 estimulou boicote, swadeshi e mobilização mais ampla.

#### 8.6 Nacionalismos e diferenças políticas

Nacionalismo indiano incluiu moderados, militantes, reformadores sociais, líderes religiosos, trabalhadores e movimentos regionais. A Liga Muçulmana foi fundada em 1906; identidades políticas muçulmanas não eram uniformes nem inevitavelmente separatistas. Reformas eleitorais de 1909 ampliaram representação limitada e institucionalizaram eleitorados separados.

| Mecanismo do Raj     | Recurso principal             | Capacidade gerada               | Limite ou apropriação indiana               |
|----------------------|-------------------------------|---------------------------------|---------------------------------------------|
| Distrito e código    | Receita, registro e tribunais | Administração territorial       | Petições, litigância e mediação local       |
| Ferrovia e telégrafo | Garantias, capital e trabalho | Mobilidade, comércio e exército | Viagem, imprensa e organização nacional     |
| Exército indiano     | Recrutamento regional         | Projeção imperial               | Lealdades negociadas e memória de 1857      |
| Educação e censo     | Escola, exame e classificação | Quadros e conhecimento estatal  | Crítica pública e identidades reorganizadas |
| Conselhos políticos  | Representação limitada        | Consulta e cooptação            | Plataforma para reivindicações maiores      |

**Mito versus evidência:** Mito: a Grã-Bretanha simplesmente modernizou a Índia. Evidência: infraestrutura e instituições foram construídas com receitas, trabalho e conhecimento indianos, atenderam objetivos imperiais e também foram apropriadas por sociedades e nacionalistas.

**Leituras-base do capítulo:** Barbara D. Metcalf e Thomas R. Metcalf, *A Concise History of Modern India*; Thomas R. Metcalf, *Ideologies of the Raj*; Bernard S. Cohn, *Colonialism and Its Forms of Knowledge*; Sugata Bose e Ayesha Jalal, *Modern South Asia*; Manu Goswami, *Producing India*.

## 9. China Qing: rebeliões, reformas, concessões e revolução

### 9.1 Crise interna e pressão externa

No meio do século XIX, o Império Qing enfrentou crescimento populacional, dificuldades fiscais, corrupção regional, desigualdade, desastres ambientais e pressões estrangeiras. Rebeliões não foram produzidas apenas por tratados desiguais, e conflitos externos não podem ser separados da capacidade interna de mobilizar receita e exércitos.

Derrotas para potências ocidentais abriram novos portos, concederam privilégios jurídicos e limitaram tarifas. Essas imposições reduziram soberania, mas não transformaram toda a China em colônia. Governo Qing, autoridades provinciais, mercadores, comunidades e estrangeiros disputavam diferentes zonas de poder.

### 9.2 Taiping e militarização regional

A Rebelião Taiping, iniciada em 1850, construiu um Estado rival com linguagem religiosa própria e críticas à ordem Qing. Sua expansão produziu guerra prolongada e grande ruptura social. Estimativas demográficas variam e não devem ser tratadas como contagem exata de vítimas.

Para derrotar os Taiping, autoridades regionais organizaram exércitos financiados localmente, fortalecendo figuras como Zeng Guofan e Li Hongzhang. A vitória preservou a dinastia, mas redistribuiu capacidade militar e fiscal. Milícias, elites locais e redes provinciais tornaram-se mais importantes.

### 9.3 Autofortalecimento

O Movimento de Autofortalecimento buscou arsenais, navios, tradução, educação técnica, diplomacia e empresas. A fórmula de preservar fundamentos políticos enquanto incorporava técnicas estrangeiras não significava recusa irracional de mudança. Reformadores avaliavam custos institucionais e ameaças ao poder.

Projetos foram regionais, dependentes de receita e sujeitos a conflitos entre corte, províncias e empresas. Produzir navios ou armas não garantia doutrina, logística, manutenção e comando integrados. A derrota para o Japão em 1894-1895 expôs essas limitações sem provar incapacidade chinesa permanente.

## 9.4 Portos de tratado e economia

Xangai e outros portos reuniram alfândega, comércio, bancos, fábricas, missões e concessões estrangeiras. Extraterritorialidade colocava estrangeiros sob tribunais próprios; concessões municipais criavam enclaves, não controle uniforme sobre toda a cidade ou interior.

Empresários chineses, compradores, trabalhadores e autoridades participaram ativamente. Indústrias têxteis, navegação e finanças cresceram. Portos de tratado eram espaços de dominação estrangeira e inovação chinesa simultaneamente.

## 9.5 Reformas, Boxers e Novo Governo

A derrota para o Japão estimulou Reformas dos Cem Dias em 1898, interrompidas por conflito político. O movimento Boxer combinou práticas religiosas, oposição a estrangeiros e tensões locais; recebeu apoio seletivo da corte. A intervenção internacional de 1900 impôs indenização e ampliou presença estrangeira.

Depois de 1901, o governo Qing promoveu Novo Exército, escolas, ministérios, códigos e planos constitucionais. A abolição dos exames clássicos em 1905 alterou trajetórias de elite. Reformas ampliaram capacidade e criaram novos grupos que exigiam participação mais rápida.

## 9.6 Revolução de 1911

Revolucionários republicanos, elites provinciais, militares, estudantes e reformistas possuíam objetivos distintos. Crise ferroviária e motim em Wuchang desencadearam secessões provinciais. A abdicação encerrou a dinastia em 1912, mas não dissolveu imediatamente instituições, exércitos ou compromissos imperiais.

A República começou negociando com Yuan Shikai e poderes regionais. Nacionalismo han, republicanismo e a necessidade de manter territórios multiétnicos criaram tensões. Revolução política não produziu Estado unitário instantâneo.

| Fase               | Resposta Qing ou regional             | Capacidade criada              | Límite revelado                                |
|--------------------|---------------------------------------|--------------------------------|------------------------------------------------|
| Taiping            | Exércitos provinciais e receita local | Mobilização contra rebelião    | Descentralização militar e enorme custo social |
| Autofortalecimento | Arsenais, tradução e empresas         | Tecnologia e quadros técnicos  | Coordenação fiscal e estratégica incompleta    |
| Portos de tratado  | Alfândega e negociação                | Receita, comércio e diplomacia | Extraterritorialidade e concessões             |
| Novo Governo       | Escola, exército e ministérios        | Estado reformista mais amplo   | Participação prometida lentamente              |
| 1911               | Abdicação e república                 | Nova legitimidade política     | Fragmentação e soberania disputada             |

**Mito versus evidência:** Mito: a China recusou modernização até ser obrigada pelo Ocidente. Evidência: reformadores Qing criaram arsenais, escolas, empresas, diplomacia e novos exércitos; seus resultados dependeram de finanças, coordenação e conflito político.

**Leituras-base do capítulo:** William T. Rowe, *China's Last Empire*; Stephen R. Platt, *Autumn in the Heavenly Kingdom*; Mary C. Wright, *The Last Stand of Chinese Conservatism*; Joseph W. Esherick, *The Origins of the Boxer Uprising*; Philip A. Kuhn, *Origins of the Modern Chinese State*.

## 10. Japão Meiji, Coreia e a formação de um império asiático

### 10.1 Restauração e guerra civil

A abertura forçada dos portos nos anos 1850 abalou a ordem Tokugawa, mas mudanças econômicas, educacionais e políticas já estavam em curso. Domínios como Satsuma e Choshu combinaram oposição, reforma militar e alianças. A Restauração Meiji de 1868 transferiu autoridade formal ao imperador e iniciou reorganização que incluiu guerra civil.

Não foi retorno simples a uma tradição antiga nem ocidentalização total. Novos líderes usaram legitimidade imperial para abolir domínios, criar prefeituras, reformar impostos e construir exército. Ex-samurais, camponeses, comerciantes e comunidades locais enfrentaram custos e oportunidades diferentes.

### 10.2 Estado, imposto e conscrição

O imposto territorial em dinheiro deu receita previsível e transferiu risco de preços a proprietários e cultivadores. Conscrição nacional reduziu monopólio militar samurai e formou exército de massa. Escola elementar e universidade difundiram alfabetização, técnica, moral imperial e padrões linguísticos.

Reformas provocaram resistência: protestos fiscais, oposição à conscrição e revoltas de ex-samurais. A vitória do governo na Rebelião de Satsuma em 1877 consolidou novo aparato militar. Coerção interna foi parte da construção estatal.

### 10.3 Empresas, indústria e sociedade

O Estado criou arsenais, estaleiros, ferrovias e fábricas-modelo, depois vendeu vários empreendimentos a grupos privados. Casas empresariais e bancos formaram redes que seriam conhecidas como zaibatsu. Seda e chá financiaram importações; têxteis e indústria pesada cresceram em ritmos diferentes.

Trabalhadoras jovens foram centrais em fiações e produção de seda, frequentemente sob contratos rigorosos. Industrialização japonesa dependeu de campo, impostos, trabalho feminino, tecnologia importada e adaptação empresarial, não apenas de grandes fábricas estatais.

### 10.4 Constituição e participação

O Movimento por Liberdade e Direitos do Povo pressionou por assembleias e constituição. A Constituição de 1889 criou Dieta e monarquia constitucional com autoridade imperial ampla. Sufrágio era restrito por imposto; partidos aprenderam a negociar orçamento e gabinete.

O sistema não era democracia plena nem absolutismo simples. Burocracia, militares, conselheiros e partidos compartilhavam poder de forma instável. Ideologia imperial, escola e rituais associaram lealdade nacional à casa imperial.

## 10.5 Hokkaido, Ryukyu e fronteiras internas

Colonização de Hokkaido incentivou assentamento japonês e reduziu autonomia e território ainu. O Reino de Ryukyu, tributário e conectado a China e Japão, foi anexado como Okinawa em 1879. Assim, construção nacional japonesa incluiu colonização interna e transformação de soberanias de fronteira.

Mapas nacionais posteriores escondem a gradualidade dessas incorporações. Administração, escola, terra e idioma foram instrumentos tão importantes quanto ação militar.

## 10.6 Coreia, Taiwan e guerras imperiais

Japão e China disputaram influência na Coreia; reforma interna coreana e presença russa complicaram alianças. A Guerra Sino-Japonesa de 1894-1895 resultou em reconhecimento da independência formal coreana, anexação japonesa de Taiwan e nova posição regional do Japão. Em Taiwan, conquista foi seguida por administração, infraestrutura e resistência local.

A Guerra Russo-Japonesa de 1904-1905 mostrou capacidade logística e militar japonesa e alterou equilíbrio mundial. O Japão estabeleceu protetorado sobre a Coreia e a anexou em 1910. Modernização nacional e expansão imperial foram processos conectados, não etapas moralmente separadas.

| Reforma             | Base material                  | Resultado                            | Custo ou contradição                           |
|---------------------|--------------------------------|--------------------------------------|------------------------------------------------|
| Imposto territorial | Cadastro e pagamento monetário | Receita nacional                     | Vulnerabilidade camponesa e protesto           |
| Conscrição          | Distritos e treinamento        | Exército de massa                    | Resistência e disciplina coercitiva            |
| Educação            | Escola e currículo             | Alfabetização e identidade estatal   | Assimilação linguística e hierarquia           |
| Indústria           | Exportações, bancos e técnica  | Crescimento empresarial              | Trabalho disciplinado e dependência de insumos |
| Império             | Exército, marinha e tratados   | Taiwan, Coreia e influência regional | Dominação colonial e resistências              |

**Mito versus evidência:** Mito: o Japão escapou do imperialismo apenas copiando o Ocidente. Evidência: instituições Tokugawa e escolhas Meiji sustentaram reformas próprias, que também produziram um Estado colonizador na Ásia.

**Leituras-base do capítulo:** Marius B. Jansen, *The Making of Modern Japan*; Andrew Gordon, *A Modern History of Japan*; Mark Ravina, *To Stand with the Nations of the World*; Peter Duus, *The Abacus and the Sword*; Andre Schmid, *Korea Between Empires*.

# 11. Sudeste Asiático e Pacífico: colônias, fronteiras e soberanias

## 11.1 Uma região de rotas e Estados

Sudeste Asiático continental e insular reunia monarquias, sultanatos, portos, comunidades de montanha e redes mercantis. Arroz, estanho, açúcar, tabaco, borracha e especiarias atraíram capital e migrantes chineses, indianos e europeus. Expansão colonial reorganizou territórios já conectados; não criou comércio do zero.

Britânicos, neerlandeses, franceses, espanhóis, portugueses e depois norte-americanos governaram por sistemas distintos. Autoridades locais, comerciantes e trabalhadores foram indispensáveis. Fronteiras coloniais separaram redes e classificaram populações antes móveis.

### 11.2 Índia neerlandesa

O Cultivation System em Java obrigara comunidades a produzir culturas de exportação; reformas liberais posteriores ampliaram empresas privadas. Açúcar, café, tabaco e borracha integraram arquipélago ao mercado mundial. Administrações neerlandesas utilizaram aristocracias locais e regimes jurídicos diferenciados.

Depois de 1901, a chamada Política Ética prometeu irrigação, educação e migração. Investimentos foram reais e limitados; também ampliaram burocracia e formaram públicos capazes de nacionalismo. Aceh resistiu por décadas à expansão neerlandesa, mostrando distância entre reivindicação cartográfica e controle.

### 11.3 Indochina francesa e Birmânia britânica

França conquistou progressivamente Vietnã, Camboja e Laos e os reuniu na Indochina. Arroz, mineração, impostos e monopólios financiaram administração. Monarquias locais sobreviveram em posições subordinadas; escolas e missões não substituíram redes letradas vietnamitas.

A Grã-Bretanha anexou a Birmânia em três guerras e encerrou a monarquia em 1885. A província foi integrada à Índia britânica, com expansão do arroz e migração indiana. Deslocamentos econômicos, religião budista e perda de instituições reais alimentaram novas resistências.

### 11.4 Siam e diplomacia reformista

Siam preservou independência formal ao negociar com britânicos e franceses e reformar administração, imposto, exército, escola e escravidão. Tratados desiguais restringiam tarifas e jurisdição; perdas territoriais criaram zonas de amortecimento. Centralização de Bangkok reduziu autonomias regionais.

Sobrevivência siamesa não foi presente europeu nem prova de modernização superior. Resultou de geografia diplomática, rivalidade imperial, reformas, concessões e capacidade da monarquia de reorganizar elites.

### 11.5 Filipinas entre revolução e novo império

Reformas educacionais, comércio e circulação de intelectuais estimularam crítica ao domínio espanhol. A Revolução Filipina de 1896 reuniu projetos diversos e criou instituições próprias. A guerra entre Estados Unidos e Espanha em 1898 transferiu soberania colonial sem reconhecer plenamente a república filipina.

A guerra filipino-americana e a ocupação consolidaram novo regime dos Estados Unidos. Governo civil, escola em inglês, saúde e infraestrutura coexistiram com repressão e hierarquia colonial. Nacionalistas filipinos continuaram a disputar autonomia por vias armadas, eleitorais e culturais.

## 11.6 Oceania, colonização e soberanias indígenas

Austrália federou colônias britânicas em 1901 sob política de imigração racialmente restritiva. Expansão pecuária, mineração e legislação reduziram terras e direitos aborígenes; povos indígenas mantiveram comunidades, trabalho, mobilidade e reivindicação. Na Nova Zelândia, guerras e tribunais de terra diminuíram territórios maori, enquanto representação parlamentar e movimentos políticos criaram arenas de resistência.

Ilhas do Pacífico foram anexadas ou colocadas sob protetorados por britânicos, franceses, alemães, norte-americanos e japoneses. Plantações e recrutamento de trabalho conectaram ilhas a mercados e diásporas. Soberanias oceânicas continuaram a operar sob camadas coloniais.

| Espaço                    | Forma de domínio                      | Economia e infraestrutura             | Agência local                                      |
|---------------------------|---------------------------------------|---------------------------------------|----------------------------------------------------|
| Índia neerlandesa         | Governo indireto e conquista gradual  | Plantações, portos e ferrovias        | Aristocracias, trabalhadores e resistência em Aceh |
| Indochina                 | Federação colonial francesa           | Arroz, imposto e mineração            | Corte, letrados, aldeias e nacionalistas           |
| Siam                      | Monarquia soberana sob pressão        | Centralização e tratados              | Diplomacia, reforma e concessões                   |
| Filipinas                 | Espanha, revolução e ocupação dos EUA | Comércio, escola e governo civil      | República, guerrilha e política eleitoral          |
| Austrália e Nova Zelândia | Colônias de povoamento                | Terra, pecuária, mineração e ferrovia | Comunidades indígenas, petições e movimentos       |

**Mito versus evidência:** Mito: mapas coloniais mostram domínio completo. Evidência: fronteiras eram negociadas, presença administrativa variava e soberanias locais continuavam a organizar terra, parentesco e resistência.

**Leituras-base do capítulo:** Nicholas Tarling, *Imperialism in Southeast Asia*; J. S. Furnivall, *Colonial Policy and Practice*; Thongchai Winichakul, *Siam Mapped*; Vicente L. Rafael, *Contracting Colonialism*; James Belich, *Replenishing the Earth*.

## 12. Áfricas antes e durante a partilha colonial

### 12.1 Partir de histórias africanas

Na segunda metade do século XIX, África não era vazio aguardando fronteiras europeias. Estados, cidades, confederações, linhagens, comunidades pastorais e redes mercantis possuíam cronologias próprias. Reformas religiosas, guerras regionais, comércio e mudanças ambientais transformavam sociedades antes da ocupação formal.

Fontes europeias cresceram, mas precisam ser cruzadas com tradição oral, arqueologia, fontes árabes e ajami, arquivos africanos, linguística e paisagem. O fato de um Estado não usar fronteira cartográfica rígida não significa ausência de soberania.

## 12.2 África ocidental

Sokoto continuava grande formação política com emirados, agricultura, comércio e saber islâmico. Asante administrava províncias e redes de ouro e kola; enfrentou guerras e tratados com britânicos. Daomé combinava autoridade monárquica, exército, agricultura e comércio, enquanto a pressão contra tráfico atlântico alterava receita.

Samori Touré construiu Estado móvel e militarizado no interior da África ocidental, controlando rotas e negociando armas e tratados. Sua resistência à França mostra que conquista exigiu campanhas prolongadas e exploração de rivalidades locais.

## 12.3 Etiópia e nordeste africano

Imperadores Tewodros II, Yohannes IV e Menelik II buscaram centralização, armamentos, diplomacia e autoridade sobre regiões diversas. A Etiópia expandiu território e derrotou a invasão italiana em Adwa em 1896, preservando independência. A vitória resultou de mobilização, logística, armas, alianças e erros italianos, não de isolamento.

No Sudão, o movimento Mahdista derrotou governo egípcio-otomano apoiado por britânicos e criou Estado próprio. A reconquista anglo-egípcia em 1898 formou condomínio de soberania desigual. Religião, tributação, comércio e invasão se combinaram.

## 12.4 África oriental e central

Zanzibar articulava comércio do Índico, plantações e influência costeira. No interior, Buganda, Bunyoro, estados dos Grandes Lagos e sociedades suaílis negociaram missões, armas e alianças. A expansão europeia converteu disputas regionais em protetorados sem eliminar política local.

Na bacia do Congo, redes comerciais e autoridades africanas precederam o Estado Livre do Congo. Leopoldo II da Bélgica usou associação internacional, tratados duvidosos e companhias para reivindicar território. Distância entre linguagem humanitária e exploração tornou-se central.

## 12.5 África austral

Reinos Zulu, Sotho e Swazi, repúblicas bôeres, colônias britânicas e comunidades africanas disputavam terra, trabalho e gado. Diamantes em Kimberley e ouro no Witwatersrand intensificaram migração, empresas, impostos e competição política. Mineração industrial exigiu trabalhadores africanos e sistemas de controle de mobilidade.

Guerras entre britânicos, bôeres e sociedades africanas reorganizaram a região. A União Sul-Africana de 1910 conciliou interesses de colonos brancos e institucionalizou exclusões que seriam ampliadas depois; africanos formaram organizações políticas e religiosas próprias.

## 12.6 A Conferência de Berlim e a partilha

A Conferência de Berlim de 1884-1885 regulou comércio e critérios de ocupação entre potências, especialmente na bacia do Congo. Não dividiu cada fronteira africana numa única sessão nem convidou africanos como participantes soberanos. Acordos bilaterais, tratados locais, campanhas e ocupação posterior produziram o mapa.

Tecnologias militares, medicina tropical, navios, telégrafo e finanças facilitaram expansão, mas não garantiram vitória automática. Europeus recrutaram tropas africanas, dependeram de carregadores e exploraram divisões políticas. Resistência, negociação e colaboração variaram segundo objetivos locais.

| Formação ou região | Recurso político                        | Relação externa                       | Resultado até 1914                                   |
|--------------------|-----------------------------------------|---------------------------------------|------------------------------------------------------|
| Asante             | Confederação, corte e exército          | Comércio e guerras com britânicos     | Anexação após resistência prolongada                 |
| Etiópia            | Mobilização imperial e diplomacia       | Armas, tratados e rivalidade europeia | Independência preservada em Adwa                     |
| Samori             | Estado móvel e controle de rotas        | Negociação e guerra com França        | Conquista francesa após campanhas extensas           |
| Sokoto             | Emirados, tributação e saber islâmico   | Comércio regional e pressão britânica | Protetorado com governo indireto                     |
| Congo              | Autoridades e redes comerciais diversas | Estado concessionário de Leopoldo II  | Ocupação e exploração internacionalmente contestadas |

**Mito versus evidência:** Mito: potências europeias desenharam a África em Berlim e tomaram tudo sem oposição. Evidência: a conferência fixou regras entre rivais; fronteiras resultaram de tratados, guerras, empresas e resistências posteriores.

**Leituras-base do capítulo:** A. Adu Boahen, ed., General History of Africa, vol. VII; John Iliffe, Africans; Richard J. Reid, A History of Modern Africa; H. L. Wesseling, Divide and Rule; Thomas Pakenham, The Scramble for Africa, lido criticamente com historiografia africana.

## 13. Governos coloniais africanos, trabalho e resistências

### 13.1 Colônia não era uma instituição única

Governo direto francês, administração indireta britânica, concessões privadas, colônia de povoamento e protetorado combinavam autoridade de modos diferentes. Mesmo dentro de um império, políticas variavam. Governos coloniais eram fiscalmente frágeis e dependiam de chefes, intérpretes, soldados, comerciantes, missões e trabalhadores africanos.

Chamar toda mediação de colaboração moralmente idêntica é inadequado. Autoridades locais podiam buscar proteção, vencer rivais, preservar comunidade ou limitar danos. Escolhas foram feitas sob assimetrias e mudaram com o tempo.

### 13.2 Imposto e trabalho

Impostos sobre cabanas, pessoas ou produção obrigavam acesso a moeda e ampliavam trabalho migrante. Recrutamento para estradas, ferrovias, portos, plantações e minas variou entre salário, contrato coercitivo e obrigação pública. Sanções penais e restrições de mobilidade reduziram liberdade de saída.

Trabalho não era apenas força masculina migrante. Mulheres sustentavam agricultura, casas e mercados; sua carga podia aumentar quando homens migravam. Direitos de terra e herança foram reinterpretados por tribunais e chefias coloniais.

### 13.3 Culturas de exportação e ambiente

Cacau, amendoim, algodão, café, borracha, óleo de palma e sisal cresceram por combinações de produção camponesa, plantação e coerção. Em algumas regiões, agricultores africanos expandiram exportações e renda; em outras, empresas e Estado impuseram trabalho e preços.

Monocultura, caça, mineração e reservas alteraram paisagens. Políticas de conservação frequentemente expulsaram usos locais ao mesmo tempo que protegiam interesses de colonos ou turismo. Ambiente colonial era campo político.

### 13.4 Resistências múltiplas

Resistência incluiu guerra, fuga, migração, recusa fiscal, destruição de registros, ação judicial, religião, greve e adaptação produtiva. Mahdistas, Samori, Asante, Hehe, Ndebele, Shona, Maji Maji e muitos outros movimentos possuíam causas e coalizões específicas. Rótulo único não substitui estudo regional.

Na África Oriental Alemã, a revolta Maji Maji de 1905-1907 conectou comunidades contra trabalho, algodão e autoridade colonial. Repressão e políticas de guerra produziram crise ampla de subsistência. O movimento não foi irracional por mobilizar crença; religião organizava confiança e ação coletiva.

### 13.5 Violência colonial e genocídio

Na África do Sudoeste Alemã, guerra contra Herero e Nama foi seguida por expulsão, confinamento e trabalho forçado, produzindo morte em massa. A historiografia reconhece o processo como genocídio. A análise deve identificar ordens, instituições, ideologia racial, campos e desapropriação sem transformar sofrimento em espetáculo.

No Estado Livre do Congo, companhias e agentes impuseram quotas de borracha por coerção, enquanto campanhas internacionais denunciaram abusos. Em 1908, o Estado belga assumiu a colônia. Troca administrativa não reparou automaticamente perda de terra, violência ou economia extrativa.

### 13.6 Educação, religião e novas políticas

Missões criaram escolas, hospitais e redes impressas; também difundiram normas culturais e apoiaram ocupação em certos contextos. Africanos traduziram textos, fundaram igrejas independentes, tornaram-se professores, jornalistas e profissionais. Ethiopianismo e movimentos cristãos independentes ligaram religião a dignidade e autonomia.

Associações urbanas, imprensa e congressos iniciais formularam crítica colonial. O Congresso Nacional Nativo Sul-Africano, criado em 1912, articulou oposição jurídica e política à exclusão. Nacionalismos africanos posteriores tiveram raízes em experiências anteriores a 1914.

| Mecanismo colonial    | Objetivo                     | Intermediário                        | Forma de contestação               |
|-----------------------|------------------------------|--------------------------------------|------------------------------------|
| Imposto monetário     | Receita e oferta de trabalho | Chefes, coletores e comerciantes     | Migração, recusa e petição         |
| Governo indireto      | Administrar com baixo custo  | Autoridades reconhecidas pelo Estado | Disputa de legitimidade e tribunal |
| Concessão empresarial | Extrair produto e receita    | Companhia, agentes e força pública   | Fuga, denúncia e resistência       |

| Mecanismo colonial | Objetivo                           | Intermediário                       | Forma de contestação                          |
|--------------------|------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------------------------|
| Reserva e cadastro | Controlar terra e mobilidade       | Agrimensores, tribunais e colonos   | Reocupação, memória e reivindicação           |
| Escola missionária | Conversão, disciplina e letramento | Professores e catequistas africanos | Apropriação intelectual e igreja independente |

**Mito versus evidência:** Mito: resistência africana foi apenas derrota militar. Evidência: além de guerras, comunidades alteraram produção, migraram, litigaram, recusaram impostos e criaram instituições que limitaram ou redefiniram o governo colonial.

**Leituras-base do capítulo:** Frederick Cooper, *Colonialism in Question*; Mahmood Mamdani, *Citizen and Subject*; Crawford Young, *The African Colonial State in Comparative Perspective*; Isabel V. Hull, *Absolute Destruction*; Jürgen Zimmerer e Joachim Zeller, eds., *Genocide in German South-West Africa*.

## 14. Emancipações, pós-abolição e regimes raciais

### 14.1 Abolição como processo, não instantâneo

Em 1850, escravidão permanecia legal em partes importantes das Américas e em outras regiões. Abolições ocorreram por guerra, legislação, fuga, negociação, ação coletiva, pressão internacional e resistência cotidiana. A data legal encerra propriedade de pessoas em um território, mas não resume transição do trabalho, cidadania, terra e reparação.

Pessoas escravizadas não aguardaram concessão. Formaram famílias, compraram liberdade, recorreram à justiça, migraram, construíram comunidades, negociaram trabalho e participaram de movimentos abolicionistas. Proprietários buscaram indenização, contratos restritivos e controle da terra.

### 14.2 Guerra Civil e Reconstrução nos Estados Unidos

A Guerra Civil começou em torno da secessão de estados escravistas e tornou-se guerra de emancipação. A Proclamação de 1863, a ação de pessoas escravizadas e a 13ª Emenda encerraram escravidão legal. As 14ª e 15ª Emendas redefiniram cidadania e voto masculino.

Durante a Reconstrução, governos birraciais criaram escolas e ampliaram participação. O Freedmen's Bureau mediou contratos, educação e assistência com recursos limitados. Violência política, decisões judiciais e retirada de apoio federal permitiram restauração do poder branco e formação de regimes de segregação.

### 14.3 Terra, trabalho e Jim Crow

Sem redistribuição ampla de terra, muitas famílias negras dependeram de arrendamento, parceria agrícola e crédito. Contratos podiam preservar autonomia parcial ou criar dívida e dependência. Códigos, prisões e trabalho penal reconstruíam coerção sem restaurar juridicamente a escravidão.

Segregação foi produzida por leis, empresas, costumes e violência política. O caso *Plessy v. Ferguson* em 1896 legitimou separação estatal. Comunidades negras construíram igrejas, escolas, imprensa, empresas, associações e campanhas nacionais contra exclusão.

### 14.4 Brasil: fim gradual e mobilização

O Brasil encerrou tráfico atlântico em 1850, mas escravidão interna continuou. Lei do Ventre Livre de 1871, Lei dos Sexagenários de 1885 e Lei Áurea de 1888 foram etapas legais, não presentes desconectados da pressão social. Fugas, quilombos, ações de liberdade, imprensa, clubes e campanhas populares enfraqueceram a instituição.

A abolição sem distribuição de terra ou política ampla de integração deixou libertos negociando trabalho e moradia em condições desiguais. Famílias mudaram de fazenda, reivindicaram autonomia, migraram e criaram associações. Imigração europeia subsidiada em regiões cafeeiras foi promovida junto a ideologias de branqueamento.

### 14.5 Cuba, Caribe e outras emancipações

Em Cuba, guerra anticolonial e escravidão estiveram conectadas. Abolição ocorreu em etapas até 1886; independência e intervenção norte-americana depois de 1898 reorganizaram soberania. Porto Rico também passou de domínio espanhol a norte-americano sem independência.

No Caribe britânico e francês, pós-emancipação havia começado antes de 1850, mas disputas sobre terra, salário, contrato e cidadania continuaram. Trabalhadores indianos contratados foram levados a colônias açucareiras, criando diásporas e novas hierarquias.

### 14.6 Raça, ciência e império

Teorias raciais pseudocientíficas classificaram povos e ofereceram linguagem para segregação, eugenia, exclusão migratória e colonialismo. Ciência não falava com voz única: métodos e conclusões eram contestados por intelectuais negros, anticoloniais, religiosos e outros pesquisadores.

W. E. B. Du Bois, José do Patrocínio, André Rebouças, Booker T. Washington, Ida B. Wells e muitos outros elaboraram respostas distintas sobre educação, trabalho, protesto e cidadania. Debates da diáspora conectavam Américas, África e Europa.

| Processo         | Mudança jurídica                      | Continuidade material                        | Agência emancipatória                            |
|------------------|---------------------------------------|----------------------------------------------|--------------------------------------------------|
| Estados Unidos   | 13ª, 14ª e 15ª Emendas                | Terra desigual, segregação e trabalho penal  | Fuga, serviço militar, voto, escola e associação |
| Brasil           | Leis graduais e Lei Áurea             | Terra concentrada e discriminação            | Ações judiciais, fuga, clubes e imprensa         |
| Cuba             | Abolição em etapas e fim em 1886      | Plantation e intervenção externa             | Guerra anticolonial e organização negra          |
| Caribe britânico | Emancipação anterior e trabalho livre | Propriedade açucareira e contrato coercitivo | Aldeias livres, greve e pequena produção         |
| Mundo colonial   | Restrições variadas à escravidão      | Trabalho obrigatório e dívida                | Migração, petição, recusa e reforma religiosa    |

**Mito versus evidência:** Mito: a assinatura de uma lei concedeu liberdade completa. Evidência: leis foram conquistas decisivas, mas liberdade substantiva exigia terra, família, mobilidade, salário, segurança, escola e participação política.

**Leituras-base do capítulo:** Eric Foner, *Reconstruction*; W. E. B. Du Bois, *Black Reconstruction in America*; Thomas C. Holt, *The Problem of Freedom*; Rebecca J. Scott, *Degrees of Freedom*; Hebe Mattos, *Das cores do silêncio*; Wlamyra Albuquerque, *O jogo da dissimulação*.

## 15. Américas: Estados, fronteiras, repúblicas e expansão imperial

### 15.1 Estados nacionais e territórios disputados

As repúblicas americanas ampliaram burocracia, exército, escola, correio, ferrovias e censos. Construção estatal não significou controle uniforme. Províncias, caudilhos, municípios, comunidades indígenas e proprietários negociavam autoridade. Guerras internacionais e civis redefiniram fronteiras e receita.

Exportações de café, açúcar, lã, trigo, carne, nitratos, prata e cobre atraíram capital e infraestrutura. Crescimento podia fortalecer elites e cidades sem distribuir terra ou direitos. Dívida externa criava influência, mas não explicava sozinha decisões nacionais.

### 15.2 Estados Unidos: reconstrução e indústria continental

Depois da Guerra Civil, ferrovias, aço, petróleo, corporações e mercado interno transformaram os Estados Unidos. Tarifas, terras públicas, patentes e contratos governamentais foram centrais; crescimento não foi apenas iniciativa privada. Trabalhadores imigrantes, negros e chineses construíram infraestrutura sob regimes desiguais.

Grandes empresas estimularam regulação e antitruste. Greves ferroviárias, movimento pela jornada de oito horas, Knights of Labor e American Federation of Labor mostraram poder e divisões do trabalho organizado.

### 15.3 Fronteira e soberanias indígenas

Expansão para oeste incorporou terras por tratado, guerra, assentamento e legislação. Nações indígenas adotaram diplomacia, resistência, pecuária, agricultura e recursos jurídicos. Reservas e o Dawes Act de 1887 dividiram terras comunitárias e abriram excedentes a colonos.

Escolas de internato buscaram assimilação cultural e separaram crianças de comunidades. A história não deve tratar desaparecimento indígena como resultado natural. Povos preservaram parentesco, idioma, religião e reivindicações territoriais.

### 15.4 México e Andes

No México, Reforma liberal, intervenção francesa e República Restaurada foram seguidas pelo longo governo de Porfirio Díaz. Ferrovias, mineração e capital externo cresceram; terras comunais foram pressionadas e oposição política limitada. A Revolução Mexicana começou em 1910 com coalizões regionais, agrárias e políticas diversas.

Nos Andes, mineração, guano, nitratos, fazendas e comunidades indígenas estruturaram Estado e mercado. A Guerra do Pacífico alterou fronteiras entre Chile, Peru e Bolívia e transferiu territórios ricos em nitratos. Reconstrução e exportações tiveram efeitos nacionais e locais desiguais.

### 15.5 Brasil: monarquia, abolição e República

O Império brasileiro expandiu café, ferrovias, imigração e instituições representativas restritas. A Guerra do Paraguai mobilizou recursos e exércitos de quatro países, com consequências profundas para a região. Explicações monocausais sobre o conflito devem ser evitadas; interesses, alianças e decisões mudaram durante a guerra.

A abolição em 1888 e o golpe republicano de 1889 transformaram regime sem ampliar imediatamente cidadania popular. Federalismo fortaleceu estados; voto foi limitado por alfabetização, gênero, fraude e poder local. Revoltas urbanas e rurais revelaram desacordo sobre terra, autoridade e modernização.

### 15.6 Estados Unidos e império ultramarino

Em 1898, guerra contra Espanha levou os Estados Unidos a ocupar Cuba e adquirir Porto Rico, Guam e Filipinas. Cuba tornou-se formalmente independente sob forte tutela; Porto Rico e Guam permaneceram territórios; filipinos enfrentaram nova guerra colonial. A expansão combinou estratégia, mercado, missão civilizatória e política doméstica.

Canal do Panamá, intervenções no Caribe e Corolário Roosevelt ampliaram poder hemisférico. Empresas e bancos tiveram interesses importantes, mas ação estatal, marinha e tratados foram indispensáveis. Anti-imperialistas contestaram anexação em nome de princípios variados.

| Caso           | Construção estatal                            | Expansão econômica               | Exclusão ou disputa                      |
|----------------|-----------------------------------------------|----------------------------------|------------------------------------------|
| Estados Unidos | Federação, tribunais e regulação              | Ferrovia, aço e corporações      | Segregação, soberania indígena e império |
| México         | Centralização porfirista                      | Mineração, ferrovia e terra      | Autoritarismo, comunidade e revolução    |
| Brasil         | Monarquia, abolição e federalismo republicano | Café, imigração e infraestrutura | Voto restrito, terra e pós-abolição      |
| Cone Sul       | Exército, imigração e portos                  | Trigo, carne, lã e nitratos      | Povos indígenas e concentração fundiária |
| Caribe         | Independências e tutelas                      | Açúcar, porto e investimento     | Intervenção dos EUA e cidadania desigual |

**Mito versus evidência:** Mito: imperialismo entre 1850 e 1914 foi exclusivamente europeu. Evidência: Estados Unidos e Japão construíram impérios; repúblicas americanas também expandiram fronteiras sobre territórios indígenas.

**Leituras-base do capítulo:** Greg Grandin, *Empire's Workshop*; Walter LaFeber, *The New Empire*; Pekka Hämäläinen, *The Comanche Empire*; Alan Knight, *The Mexican Revolution*; José Murilo de Carvalho, *A construção da ordem*; Lília Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling, *Brasil: uma biografia*.

## 16. Migrações, mercados globais e transformação ambiental

### 16.1 Mobilidade em escala

Dezenas de milhões de pessoas atravessaram oceanos entre meados do século XIX e 1914; muitas outras migraram dentro de países e impérios. Europeus foram para Américas e Oceania; chineses, indianos, japoneses, árabes e africanos circularam por redes próprias. Números variam conforme período, retorno e definição de migrante.

Migração podia ser voluntária, incentivada, contratada, forçada ou mistura dessas condições. Passagem financiada criava dívida; recrutadores controlavam informação; famílias decidiam em redes. Grande parcela dos migrantes retornou ou circulou várias vezes.

### 16.2 Trabalho contratado

Depois da abolição, impérios transportaram trabalhadores indianos e chineses para plantações, minas e obras no Caribe, África, Sudeste Asiático e Pacífico. Contratos prometiam salário e retorno, mas sanções, fraude e distância limitavam liberdade. O sistema não era juridicamente escravidão e podia reproduzir coerções graves.

Migrantes criaram famílias, religiões, associações e comércio. Diásporas indianas e chinesas transformaram sociedades coloniais e mantiveram ligações com aldeias e portos de origem.

### 16.3 Migração europeia e colonização

Italianos, espanhóis, portugueses, irlandeses, alemães, judeus do leste europeu e outros grupos migraram por pobreza, terra, perseguição, redes familiares e oportunidade. Argentina, Brasil, Estados Unidos, Canadá e Austrália promoveram imigração de modos diferentes.

Assentamento ocorreu em territórios já ocupados. Políticas de terra e imigração conectaram migração a desapropriação indígena e ideologias raciais. Migrante subordinado em uma cidade podia tornar-se beneficiário de colonização em outra fronteira.

### 16.4 Exclusão e linha global de cor

Estados criaram passaportes, exames, quarentenas, contratos e categorias raciais para controlar circulação. Chinese Exclusion Act nos Estados Unidos, política da Austrália Branca e restrições em Canadá, África do Sul e outras regiões formaram uma linha global de cor.

Essas barreiras foram contestadas por tribunais, diplomatas, associações e migrantes. Documentos de identidade cresceram antes de 1914, mas controle fronteiriço ainda era desigual. Cidadania e mobilidade passaram a ser administradas em escala mais nacional e imperial.

### 16.5 Mercadorias e especialização

Refrigeração, vapor e ferrovia ampliaram comércio de carne, trigo, frutas e laticínios. Borracha, cobre, estanho, petróleo e nitratos alimentaram indústria. Especialização podia elevar renda e tornar regiões vulneráveis a preço, praga ou mudança tecnológica.

Padrão-ouro e bancos facilitaram pagamentos em parte do mundo, mas crises financeiras atravessaram fronteiras. Integração de preços não eliminou barreiras, impérios preferenciais ou mercados locais.

## 16.6 Ambiente e ciência imperial

Jardins botânicos, levantamentos geológicos, museus e estações agrícolas coletaram conhecimento e transferiram espécies. Ciência podia aumentar produção e servir apropriação colonial. Sementes, borracha e quinino circularam por redes que dependiam de saberes locais frequentemente pouco creditados.

Fronteiras agrícolas, mineração, ferrovias e cidades ampliaram desmatamento, erosão e poluição. Conservação surgiu em certos lugares, mas podia excluir comunidades. Mudança ambiental deve ser ligada a propriedade, mercado e Estado, não tratada como efeito genérico de população.

| Fluxo                    | Mecanismo                       | Destino frequente                     | Contradição                            |
|--------------------------|---------------------------------|---------------------------------------|----------------------------------------|
| Europeus transatlânticos | Rede familiar, passagem e terra | Américas e Oceania                    | Mobilidade e colonização indígena      |
| Indian indenture         | Contrato e recrutador           | Caribe, África e Índico               | Salário com sanções e dívida           |
| Diásporas chinesas       | Crédito, família e comércio     | Sudeste Asiático, Pacífico e Américas | Redes fortes e exclusão racial         |
| Migração rural-urbana    | Ferrovia e mercado de trabalho  | Cidades industriais e portos          | Oportunidade, moradia e precariedade   |
| Mercadoria ambiental     | Concessão, plantação e ciência  | Centros industriais                   | Lucro distante e custo ecológico local |

**Mito versus evidência:** Mito: globalização anterior a 1914 criou fronteiras abertas. Evidência: circulação cresceu junto com contratos coercitivos, exclusões raciais, documentos e políticas seletivas de imigração.

**Leituras-base do capítulo:** Adam McKeown, *Melancholy Order*; Dirk Hoerder, *Cultures in Contact*; David Northrup, *Indentured Labor in the Age of Imperialism*; Marilyn Lake e Henry Reynolds, *Drawing the Global Colour Line*; James Belich, *Replenishing the Earth*.

## 17. Comparação final: poder e crise por volta de 1914

### 17.1 Um mundo mais integrado e hierárquico

Em 1914, cabos, ferrovias, vapor, finanças e migrações ligavam regiões em velocidade inédita. Impérios europeus controlavam grande parte da África, Sul e Sudeste da Ásia e ilhas do Pacífico; Grã-Bretanha continuava potência naval e financeira; Alemanha e Estados Unidos possuíam grande indústria; Japão era potência imperial asiática.

Integração não produziu igualdade. Termos de troca, dívida, propriedade, patentes, tarifas e força militar distribuíam benefícios. Colônias possuíam infraestruturas, mas traçados e direitos frequentemente serviam exportação e controle.

### 17.2 Impérios reformados, não desaparecidos

Rússia, Habsburgos e Otomanos enfrentavam nacionalismos e participação limitada, porém mantinham exércitos, burocracias e legitimidades. Qing havia caído, mas a república herdara problema de governar território vasto. Impérios não foram substituídos por Estados-nação completos antes da guerra.

Nacionalistas anticoloniais usavam imprensa, associação, religião, boicote e linguagem de direitos. Em 1914, a maioria ainda não conquistara independência, mas movimentos haviam criado organizações e diagnósticos que moldariam décadas seguintes.

### 17.3 Alianças e armamentos

Tríplice Aliança e Tríplice Entente eram compromissos diferentes, não dois blocos automáticos destinados à guerra. Planos militares, ferrovias, conscrição, marinhas e corrida naval reduziram tempo de decisão. Estados temiam mobilização adversária e preparavam respostas rígidas.

Armas não causam guerra por conta própria. Orçamentos, doutrina, opinião pública, diplomacia e decisão civil ligam capacidade a ação. Crises anteriores, como Marrocos e Balcãs, foram contidas; isso podia gerar confiança enganosa de que outra crise também seria administrável.

### 17.4 Crises imperiais e Balcãs

Competição no Marrocos, anexação da Bósnia-Herzegovina, guerra ítalo-otomana e Guerras Balcânicas reorganizaram alianças e territórios. Novos Estados balcânicos buscavam segurança e expansão; potências externas possuíam interesses próprios. Nenhum povo agia como unidade perfeita.

O assassinato político em Sarajevo em junho de 1914 desencadeou crise diplomática. Ultimatos, garantias, mobilizações e declarações converteram conflito regional em guerra geral. Explicar sequência é mais rigoroso do que atribuir tudo a um único país, nacionalismo ou plano.

### 17.5 Capacidades comparadas

Indústria pesada, crédito, marinha, população, ferrovia, alfabetização e receita medem dimensões distintas. Um Estado com grande população podia ter baixa densidade ferroviária; potência financeira podia depender de importação de alimentos; império territorial podia enfrentar logística difícil. Ranking único confunde recursos com capacidade efetiva.

Sociedades colonizadas também possuíam capacidade: redes comerciais, conhecimento ambiental, instituições religiosas, autoridade local e organização política. Não equivalente a poder imperial, essa capacidade condicionava conquista e sustentava resistência.

### 17.6 Um método para evitar teleologia

Primeiro, identifique as opções que atores percebiam antes da crise. Segundo, separe estruturas lentas de decisões imediatas. Terceiro, compare mecanismos: aliança, mobilização, dívida, ferrovia, partido, imprensa e império. Quarto, registre contingência; resultado conhecido não transforma alternativa anterior em impossível.

| Formação c. 1914  | Escala              | Receita e indústria                         | Trabalho e mobilidade                  | Limite central                            |
|-------------------|---------------------|---------------------------------------------|----------------------------------------|-------------------------------------------|
| Império britânico | Oceânico e global   | Finanças, marinha e indústria               | Migração imperial e trabalho colonial  | Extensão, rivalidade e autonomia dominial |
| Império alemão    | Nacional e colonial | Indústria pesada, bancos e ciência          | Trabalho assalariado e conscrição      | Política executiva e competição naval     |
| Império russo     | Continental         | Agricultura, indústria concentrada e dívida | Camponeses, operários e exército amplo | Logística, representação e nacionalidades |

| Formação c. 1914 | Escala                    | Receita e indústria                 | Trabalho e mobilidade             | Limite central                           |
|------------------|---------------------------|-------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------------|
| Império otomano  | Intercontinental reduzido | Receita reformada e capital externo | Camponeses, artesãos e conscrição | Guerra recente, dívida e fronteiras      |
| Japão imperial   | Insular e regional        | Indústria, imposto e marinha        | Campo, fábrica e conscrição       | Recursos, colonialismo e representação   |
| Estados Unidos   | Continental e ultramarino | Grande indústria e mercado          | Migração, salário e segregação    | Desigualdade racial e império contestado |

**Tese do volume:** Entre 1850 e 1914, indústria e Estados ampliaram capacidades de conexão e coerção. O imperialismo ganhou intensidade, mas nunca eliminou negociação, adaptação e resistência; a crise de 1914 resultou de escolhas dentro de uma ordem desigual, não de destino mecânico.

**Leituras-base do capítulo:** Paul Kennedy, *The Rise and Fall of the Great Powers*; David Stevenson, *Armaments and the Coming of War*; Margaret MacMillan, *The War That Ended Peace*; Christopher Clark, *The Sleepwalkers*; Jürgen Osterhammel, *The Transformation of the World*.

## Apêndice A. Cronologia analítica

### A.1 Como ler a cronologia

Datas ajudam a localizar coexistências, mas não substituem processos. Uma lei pode ser aprovada antes de ser aplicada; uma conquista declarada pode anteceder décadas de controle; uma revolta não termina toda oposição; uma ferrovia não produz o mesmo efeito em cada região. Use a coluna de significado para formular comparação, não para transformar evento em causa única.

### A.2 De 1850 a 1870

| Data      | Região                | Acontecimento                                    | Significado comparativo                                                   |
|-----------|-----------------------|--------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|
| 1850      | China                 | Rebelião Taiping começa                          | Crise interna desafia dinastia Qing e mobiliza exércitos regionais        |
| 1850      | Brasil                | Lei Eusébio de Queirós reprime tráfico atlântico | Escravidão interna continua enquanto comércio transatlântico recua        |
| 1851      | Global e Grã-Bretanha | Grande Exposição de Londres                      | Indústria e império são apresentados como ordem de progresso              |
| 1852      | França                | Segundo Império de Napoleão III                  | Autoridade plebiscitária combina crescimento e restrição política         |
| 1853-1854 | Japão                 | Expedições de Perry e tratados                   | Pressão naval abre portos e intensifica crise Tokugawa                    |
| 1853-1856 | Mar Negro             | Guerra da Crimeia                                | Logística e diplomacia revelam limites russos e preservam Império Otomano |
| 1856      | China                 | Segunda Guerra do Ópio começa                    | Novos tratados ampliam pressão e acesso estrangeiro                       |
| 1857      | Índia                 | Rebelião contra a Companhia                      | Soldados, cortes e comunidades desafiam governo colonial                  |
| 1858      | Índia                 | Coroa britânica assume o Raj                     | Governo de companhia é substituído por império formal                     |

| Data      | Região         | Acontecimento                              | Significado comparativo                                                      |
|-----------|----------------|--------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| 1859      | Itália         | Guerra contra Áustria                      | Piemonte acelera unificação por diplomacia e conflito                        |
| 1859      | Global         | On the Origin of Species é publicado       | Teoria biológica será debatida e indevidamente apropriada por racismo social |
| 1861      | Rússia         | Emancipação dos servos                     | Reforma jurídica altera trabalho e terra sem igualdade econômica             |
| 1861      | Itália         | Reino da Itália proclamado                 | Unidade legal precede integração política e regional                         |
| 1861-1865 | Estados Unidos | Guerra Civil                               | União, escravidão e soberania estadual entram em conflito decisivo           |
| 1863      | Estados Unidos | Proclamação de Emancipação                 | Guerra passa a incorporar emancipação em territórios rebeldes                |
| 1863      | Camboja        | Protetorado francês                        | Monarquia local permanece sob tutela colonial crescente                      |
| 1864      | Europa         | Associação Internacional dos Trabalhadores | Redes operárias articulam projetos transnacionais                            |
| 1864-1870 | América do Sul | Guerra do Paraguai                         | Mobilização estatal e alianças remodelam a bacia do Prata                    |
| 1865      | Estados Unidos | 13ª Emenda                                 | Escravidão legal é abolida, abrindo disputa sobre terra e cidadania          |
| 1867      | Europa central | Compromisso austro-húngaro                 | Monarquia Dual estabiliza império e privilegia duas elites nacionais         |
| 1867      | Canadá         | Confederação                               | Colônias britânicas formam domínio federal sobre territórios indígenas       |
| 1868      | Japão          | Restauração Meiji                          | Coalizão imperial inicia centralização, conscrição e reforma fiscal          |
| 1868      | Cuba           | Guerra dos Dez Anos começa                 | Independência e escravidão entram na mesma arena política                    |
| 1869      | Egito          | Canal de Suez inaugurado                   | Rota reduz distância marítima e aumenta importância estratégica do Egito     |
| 1870      | Europa         | Guerra Franco-Prussiana                    | Vitória prussiana conclui unificação alemã e derruba Segundo Império francês |
| 1870      | Itália         | Roma incorporada ao reino                  | Unificação territorial avança e abre questão com papado                      |

### A.3 De 1871 a 1890

| Data | Região   | Acontecimento                        | Significado comparativo                                                      |
|------|----------|--------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| 1871 | Alemanha | Império Alemão proclamado            | Federação nacional combina sufrágio masculino e forte executivo              |
| 1871 | França   | Comuna de Paris e Terceira República | Guerra, política urbana e republicanismo entram em disputa                   |
| 1871 | Brasil   | Lei do Ventre Livre                  | Emancipação gradual preserva instituição e cria novas ambiguidades jurídicas |

| Data      | Região               | Acontecimento                                | Significado comparativo                                                    |
|-----------|----------------------|----------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|
| 1873      | Global               | Crise financeira internacional               | Crédito e ferrovias transmitem depressão por mercados conectados           |
| 1874      | Pacífico             | Fiji torna-se colônia britânica              | Plantação e trabalho contratado reorganizam soberanias insulares           |
| 1875      | Império Otomano      | Moratória da dívida                          | Credores ganham influência sobre receitas imperiais                        |
| 1876      | Império Otomano      | Primeira Constituição                        | Parlamento surge sob guerra, crise e reformismo                            |
| 1876      | Índia e Grã-Bretanha | Vitória recebe título de imperatriz da Índia | Monarquia britânica ritualiza soberania imperial                           |
| 1877-1878 | Balcãs e Cáucaso     | Guerra Russo-Otomana                         | Independências e fronteiras são renegociadas internacionalmente            |
| 1878      | Europa               | Congresso de Berlim                          | Potências revisam Tratado de San Stefano e reconhecem novos Estados        |
| 1879      | Japão e Ryukyu       | Okinawa é incorporada                        | Construção nacional japonesa inclui anexação de reino fronteiriço          |
| 1879      | África austral       | Guerra Anglo-Zulu                            | Conquista britânica enfrenta Estado africano organizado                    |
| 1881      | Tunísia              | Protetorado francês                          | Dívida e intervenção convertem influência em tutela formal                 |
| 1881-1882 | Egito                | Movimento Urabi                              | Oficiais e civis reivindicam constituição e autonomia                      |
| 1882      | Egito                | Ocupação britânica                           | Controle efetivo cresce sob continuidade formal otomana                    |
| 1882      | Estados Unidos       | Chinese Exclusion Act                        | Estado federal institucionaliza seleção migratória racial                  |
| 1882      | Europa               | Tríplice Aliança                             | Alemanha, Áustria-Hungria e Itália formalizam compromisso defensivo        |
| 1884-1885 | Berlim e África      | Conferência de Berlim                        | Rivais estabelecem regras de ocupação e comércio sem participação africana |
| 1885      | Congo                | Estado Livre do Congo reconhecido            | Soberania privada e concessões são legitimadas internacionalmente          |
| 1885      | Índia                | Congresso Nacional Indiano é criado          | Elite associativa organiza crítica constitucional e fiscal                 |
| 1885      | Birmânia             | Terceira Guerra Anglo-Birmanesa              | Monarquia é removida e território anexado à Índia britânica                |
| 1885      | Brasil               | Lei dos Sexagenários                         | Emancipação seletiva evidencia crise da escravidão                         |
| 1886      | Cuba                 | Escravidão abolida                           | Trabalho açucareiro é reorganizado antes da independência                  |
| 1887      | Estados Unidos       | Dawes Act                                    | Propriedade individual é usada para fracionar terras indígenas             |
| 1888      | Brasil               | Lei Áurea                                    | Escravidão legal termina sem reforma agrária ou reparação ampla            |
| 1889      | Brasil               | República proclamada                         | Regime muda por ação militar e negociação de elites                        |

| Data | Região          | Acontecimento                                                               | Significado comparativo                                                                    |
|------|-----------------|-----------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1889 | Japão           | Constituição Meiji promulgada                                               | Dieta e monarquia constitucional institucionalizam Estado imperial                         |
| 1890 | África oriental | Tratado Heligoland-Zanzibar                                                 | Potências negociam esferas e reconhecem protetorados                                       |
| 1890 | Estados Unidos  | Censo de 1890 registra o desaparecimento de uma linha contínua de fronteira | Expansão de assentamentos é registrada estatisticamente sem extinguir soberanias indígenas |

#### A.4 De 1891 a 1914

| Data      | Região            | Acontecimento                            | Significado comparativo                                                     |
|-----------|-------------------|------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|
| 1891-1892 | Irã               | Protesto do Tabaco                       | Coalizão urbana derrota concessão estrangeira e antecipa constitucionalismo |
| 1893      | Nova Zelândia     | Sufrágio feminino nacional               | Participação política avança sem igualdade colonial completa                |
| 1894-1895 | Leste Asiático    | Guerra Sino-Japonesa                     | Japão derrota Qing, anexa Taiwan e amplia influência na Coreia              |
| 1895      | África oriental   | Invasão italiana da Etiópia              | Projeto colonial enfrenta mobilização imperial etíope                       |
| 1896      | Etiópia           | Vitória de Adwa                          | Independência é preservada e prestígio africano se amplia                   |
| 1896      | Filipinas         | Revolução contra Espanha                 | Sociedade colonial cria projeto nacional e instituições próprias            |
| 1896      | Estados Unidos    | Plessy v. Ferguson                       | Suprema Corte legitima segregação estatal                                   |
| 1898      | Caribe e Pacífico | Guerra Hispano-Americana                 | Estados Unidos adquirem territórios e ampliam império ultramarino           |
| 1898      | China             | Reformas dos Cem Dias                    | Reforma rápida é interrompida por disputa na corte                          |
| 1898      | África            | Crise de Fachoda                         | Rivais europeus recuam da guerra e ajustam posições imperiais               |
| 1899-1902 | África austral    | Guerra Sul-Africana                      | Império britânico conquista repúblicas bôeres e reorganiza região           |
| 1899      | China             | Política de Portas Abertas dos EUA       | Potências disputam acesso sem divisão formal completa                       |
| 1900      | China             | Crise Boxer e intervenção internacional  | Resistência e apoio cortesão resultam em ocupação e indenização             |
| 1901      | Austrália         | Federação e política da Austrália Branca | Estado nacional se forma com exclusão migratória e indígena                 |
| 1901      | China             | Novas Políticas Qing                     | Reformas administrativas, militares e educacionais aceleram                 |
| 1904-1905 | Leste Asiático    | Guerra Russo-Japonesa                    | Japão se torna potência reconhecida e Rússia entra em crise                 |
| 1905      | Rússia            | Revolução de 1905                        | Greves, soviets e revoltas forçam Duma limitada                             |

| Data | Região          | Acontecimento                                           | Significado comparativo                                                                                     |
|------|-----------------|---------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1905 | Índia           | Partição de Bengala e swadeshi                          | Boicote conecta economia, cultura e nacionalismo                                                            |
| 1905 | Irã             | Revolução Constitucional começa                         | Assembleia busca justiça, receita e soberania                                                               |
| 1906 | Índia           | Liga Muçulmana fundada                                  | Representação muçulmana ganha organização política própria                                                  |
| 1907 | Europa          | Entente entre Grã-Bretanha, França e Rússia consolidada | Acordos e entendimentos aproximam as três potências sem criar um único tratado de aliança defensiva         |
| 1908 | Império Otomano | Revolução dos Jovens Turcos                             | Constituição e parlamento são restaurados                                                                   |
| 1908 | Congo           | Bélgica assume Estado Livre                             | Escândalo força mudança administrativa, não fim da extração                                                 |
| 1908 | Global          | Ford Model T inicia produção                            | Padronização e mercado de massa ganham novo símbolo                                                         |
| 1909 | Estados Unidos  | NAACP é fundada                                         | Organização nacional combate segregação e exclusão jurídica                                                 |
| 1910 | Coreia          | Anexação japonesa                                       | Protetorado torna-se colônia formal                                                                         |
| 1910 | África austral  | União Sul-Africana                                      | Autogoverno branco consolida exclusão africana                                                              |
| 1910 | México          | Revolução Mexicana começa                               | Autoritarismo, terra e democracia mobilizam coalizões regionais                                             |
| 1911 | China           | Revolução Xinhai                                        | Revolução derruba a autoridade Qing em grande parte do país; abdicação imperial ocorre em fevereiro de 1912 |
| 1911 | Marrocos        | Crise de Agadir                                         | Competição colonial amplia desconfiança entre potências                                                     |
| 1911 | Estados Unidos  | Incêndio da Triangle e reforma trabalhista              | Segurança industrial torna-se questão pública sem proteção uniforme                                         |
| 1912 | Balcãs          | Primeira Guerra Balcânica                               | Estados regionais reduzem territórios otomanos na Europa                                                    |
| 1912 | África do Sul   | Congresso Nacional Nativo Sul-Africano                  | Lideranças africanas organizam defesa política de direitos                                                  |
| 1913 | África do Sul   | Natives Land Act                                        | Lei restringe acesso africano à terra e prepara segregação territorial                                      |
| 1913 | Estados Unidos  | Linha de montagem móvel na Ford                         | Produção em massa reorganiza ritmo, habilidade e consumo                                                    |
| 1913 | Balcãs          | Segunda Guerra Balcânica                                | Antigos aliados disputam fronteiras e aprofundam instabilidade                                              |
| 1914 | Panamá          | Canal é inaugurado                                      | Rotas oceânicas e poder estratégico dos EUA são ampliados                                                   |

| Data | Região         | Acontecimento                 | Significado comparativo                                                           |
|------|----------------|-------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
| 1914 | Europa e mundo | Crise de julho e guerra geral | Decisões diplomáticas e mobilizações convertem crise regional em conflito mundial |

**Exercício:** Escolha 1861, 1885, 1898, 1905 e 1911. Em cada data, compare quatro regiões e identifique um processo de integração, um de coerção e um de contestação.

## Apêndice B. Quadros de coexistência

### B.1 Instantâneo de 1850

| Espaço               | Formação                           | Capacidade central                    | Conexão global                   | Questão comparativa                              |
|----------------------|------------------------------------|---------------------------------------|----------------------------------|--------------------------------------------------|
| Grã-Bretanha e Índia | Império e Companhia                | Marinha, crédito e receita indiana    | Algodão, ópio, chá e transporte  | Vantagem industrial equivale a controle mundial? |
| China                | Qing                               | Burocracia, terra e mercado interno   | Portos de tratado e comércio     | Rebelião é crise do império ou de regiões?       |
| África               | Estados e soberanias diversas      | Autoridade local, comércio e exército | Atlântico, Saara e Índico        | Pressão comercial já é colonização?              |
| Américas             | Repúblicas, Brasil e colônias      | Exércitos e alfândegas                | Dívida, migração e commodities   | Independência garante cidadania igual?           |
| Pacífico             | Reinos, povos indígenas e colônias | Terra, parentesco e navegação         | Baleação, missões e assentamento | Tratado preserva ou redistribui soberania?       |

### B.2 Instantâneo de 1870

| Espaço   | Formação                        | Mudança recente                         | Capacidade ampliada               | Limite em aberto                         |
|----------|---------------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------------|
| Europa   | Estados nacionais e impérios    | Itália unificada e Alemanha em formação | Exército, ferrovia e escola       | Nacionalidades e participação            |
| Rússia   | Império reformista              | Emancipação dos servos                  | Administração, justiça e ferrovia | Terra, representação e fronteiras        |
| Japão    | Estado Meiji                    | Fim dos domínios                        | Imposto, conscrição e ministérios | Resistência interna e tratados desiguais |
| Índia    | Raj britânico                   | Governo da Coroa                        | Exército, ferrovia e distrito     | Receita, fome e representação            |
| Américas | Pós-guerra e abolições parciais | Emancipação nos EUA                     | Indústria e Estados mais fortes   | Segregação, terra e escravidão restante  |

### B.3 Instantâneo de 1885

| Espaço           | Formação                              | Crise ou expansão                      | Instrumento                               | Contestação                       |
|------------------|---------------------------------------|----------------------------------------|-------------------------------------------|-----------------------------------|
| África           | Estados africanos e enclaves europeus | Partilha se acelera                    | Tratado, companhia e campanha             | Diplomacia e resistência regional |
| Índia            | Raj e estados principescos            | Congresso Nacional fundado             | Conselho, imprensa e ferrovia             | Nacionalismo constitucional       |
| China            | Qing pós-Taiping                      | Autofortalecimento                     | Arsenal, alfândega e empresa              | Coordenação e soberania           |
| Otomanos e Egito | Império e ocupação britânica          | Dívida e centralização                 | Telégrafo, exército e controle financeiro | Constitucionalismo e autonomia    |
| Sudeste Asiático | Colônias e Siam                       | Birmânia anexada e Indochina expandida | Plantação, imposto e protetorado          | Corte, religião e revolta         |

## B.4 Instantâneo de 1900

| Espaço         | Formação                         | Transformação                          | Capacidade                            | Contradição                    |
|----------------|----------------------------------|----------------------------------------|---------------------------------------|--------------------------------|
| Estados Unidos | República e império              | Territórios adquiridos em 1898         | Indústria, marinha e corporações      | Segregação e anti-imperialismo |
| Japão          | Monarquia imperial               | Taiwan colonizada e Coreia pressionada | Indústria, exército e Dieta           | Sufrágio restrito e expansão   |
| China          | Qing e concessões                | Crise Boxer                            | Mercado, províncias e novos exércitos | Indenização e reforma          |
| África         | Colônias, protetorados e Etiópia | Partilha próxima do máximo             | Imposto, ferrovia e companhias        | Resistências e governo frágil  |
| América Latina | Repúblicas exportadoras          | Imigração e infraestrutura             | Alfândega, crédito e exército         | Terra, voto e dependência      |

## B.5 Instantâneo de 1914

| Espaço        | Formação                           | Vantagem ou pressão                        | Movimento político                     | Próxima ruptura                 |
|---------------|------------------------------------|--------------------------------------------|----------------------------------------|---------------------------------|
| Europa        | Estados nacionais e impérios       | Indústria, alianças e conscrição           | Partidos, sindicatos e nacionalismos   | Guerra geral                    |
| Ásia oriental | Japão imperial e República chinesa | Poder japonês e soberania chinesa dividida | Revolução, reforma e anticolonialismo  | Rivalidades regionais           |
| Sul da Ásia   | Raj e estados principescos         | Exército e infraestrutura imperiais        | Congresso, Liga e associações          | Mobilização de guerra e reforma |
| África        | Colônias e soberanias restantes    | Tributação, mineração e ocupação           | Igrejas, petições e resistências       | Guerra imperial e nacionalismos |
| Américas      | Repúblicas e império dos EUA       | Indústria, exportação e migração           | Reforma, revolução e movimentos negros | Intervenção e conflito social   |

## B.6 Coexistência direta e comparação sem contato

| Par                   | Tipo de coexistência                 | Canal                                  | Evidência recomendada                                        |
|-----------------------|--------------------------------------|----------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| Qing e Japão          | Direta e militar                     | Comércio, tratado, guerra e diplomacia | Arquivos estatais, jornais e mapas                           |
| Raj e império russo   | Direta e estratégica                 | Fronteira, espionagem e negociação     | Correspondência, mapas e orçamento                           |
| Etiópia e Itália      | Direta e bélica                      | Tratado, armas e campanha              | Fontes etíopes, italianas e diplomáticas                     |
| Otomanos e Habsburgos | Direta e imperial                    | Balcãs, comércio e congresso           | Tratados, censos e imprensa regional                         |
| Brasil e Índia        | Comparação sem governo comum         | Trabalho, café, algodão e império      | Séries econômicas e história social, sem presumir influência |
| Austrália e Argentina | Conectada por migração e commodities | Terra, lã, trigo e capital             | Legislação, portos, censos e fontes indígenas                |

## Apêndice C. Matrizes comparativas

### C.1 Nacionalismo e formação política

| Caso          | Instituição mobilizadora                 | Reivindicação             | Limite comparativo                      |
|---------------|------------------------------------------|---------------------------|-----------------------------------------|
| Itália        | Monarquia, voluntários e diplomacia      | Unidade territorial       | Integração regional posterior           |
| Alemanha      | Prússia, Zollverein e exército           | Federação nacional        | Predomínio prussiano                    |
| Índia         | Congresso, imprensa e associação         | Representação e autonomia | Diversidade social e soberania colonial |
| China         | Reformistas, militares e revolucionários | Estado forte e república  | Legado imperial e poder regional        |
| África do Sul | Igrejas, imprensa e congresso            | Direitos e terra          | Estado colonial racialmente excludente  |

### C.2 Formas de império

| Forma                 | Instrumento central                   | Exemplo                                   | Cuidado comparativo                     |
|-----------------------|---------------------------------------|-------------------------------------------|-----------------------------------------|
| Colônia de povoamento | Terra, assentamento e legislação      | Austrália, Canadá e fronteiras americanas | Não apagar soberanias indígenas         |
| Governo direto        | Burocracia e código metropolitano     | Partes da África francesa                 | Administração local continua necessária |
| Governo indireto      | Autoridade reconhecida e tributo      | Norte da Nigéria britânica                | Chefias podem ser reinventadas          |
| Concessão empresarial | Monopólio, força e contrato           | Congo e companhias africanas              | Privado depende de soberania estatal    |
| Tratado desigual      | Tarifa, porto e extraterritorialidade | China Qing                                | Não equivale a anexação completa        |

### C.3 Trabalho e liberdade

| Regime                        | Relação jurídica                | Mobilidade                    | Pergunta de segurança conceitual                 |
|-------------------------------|---------------------------------|-------------------------------|--------------------------------------------------|
| Escravidão                    | Pessoa tratada como propriedade | Controlada pelo proprietário  | Abolição legal ocorreu quando e onde?            |
| Trabalho contratado           | Contrato com prazo              | Limitada por dívida ou sanção | Saída era possível na prática?                   |
| Trabalho assalariado          | Venda de força de trabalho      | Formalmente livre             | Salário, jornada e desemprego permitiam escolha? |
| Trabalho obrigatório colonial | Dever imposto pelo Estado       | Coercitiva                    | Tributo, obra e recrutamento foram distinguidos? |
| Parceria agrícola             | Divisão de produto e crédito    | Variável                      | Terra e dívida criavam dependência?              |

## C.4 Infraestrutura e poder

| Infraestrutura | Uso econômico          | Uso político                         | Pergunta de comparação                         |
|----------------|------------------------|--------------------------------------|------------------------------------------------|
| Ferrovia       | Frete e mercado        | Tropas, assentamento e administração | Quem escolheu o traçado e a tarifa?            |
| Telégrafo      | Preço e coordenação    | Ordem rápida e censura               | Quem operava e reparava a rede?                |
| Canal          | Redução de rota        | Estratégia naval e pedágio           | Soberania territorial acompanhava propriedade? |
| Porto          | Exportação e imigração | Alfândega e quarentena               | Integra interior ou enclave?                   |
| Escola         | Habilidade e idioma    | Nacionalização e assimilação         | Quem acessa, ensina e define currículo?        |

## C.5 Segurança da evidência

| Afirmação                                      | Nível                 | Justificativa                                 | Formulação recomendada                      |
|------------------------------------------------|-----------------------|-----------------------------------------------|---------------------------------------------|
| Industrialização foi globalmente desigual      | Seguro                | Múltiplas séries e estudos convergem          | Identificar regiões, setores e indicadores  |
| Berlim dividiu sozinha toda a África           | Incorreto             | Fronteiras foram negociadas e ocupadas depois | Distinguir conferência, tratado e conquista |
| Ferrovia sempre desenvolve mercado interno     | Incorreto             | Taçados e tarifas variam                      | Explicar corredor e seus beneficiários      |
| Nacionalismo destruiu inevitavelmente impérios | Incorreto             | Impérios reformaram e sobreviveram até 1914   | Tratar nacionalismo como projeto e disputa  |
| Migração transoceânica cresceu fortemente      | Seguro com estimativa | Registros de portos e censos são amplos       | Informar intervalo, retorno e sub-registro  |
| 1914 era inevitável desde 1871                 | Incorreto             | Crises anteriores foram resolvidas            | Separar estrutura, contingência e decisão   |

**Regra de comparação:** Se duas sociedades usam a mesma palavra - nação, cidadão, trabalhador ou colônia - compare direitos, obrigações, recursos e instituições antes de concluir equivalência.

## Apêndice D. Glossário essencial

**Abolição:** Encerramento jurídico de um regime de escravidão. Pode resultar de guerra, lei, resistência, fuga e negociação. Não deve ser confundida com igualdade material imediata nem com desaparecimento de toda coerção laboral.

**Administração indireta:** Forma colonial que governa por autoridades locais reconhecidas ou recriadas pelo poder imperial. Reduz custos, mas transforma legitimidade, território e responsabilidade.

**Ajami:** Uso de escrita árabe para registrar línguas africanas ou asiáticas. Manuscritos ajami preservam teologia, comércio, política, poesia e correspondência fora de arquivos europeus.

**Aliança:** Compromisso entre Estados com obrigações específicas. Não significa resposta automática a qualquer conflito; texto, planejamento, interesse e decisão política definem seu alcance.

**Anticolonialismo:** Crítica e ação contra dominação colonial. Inclui projetos de autonomia, reforma, independência, boicote, associação, religião, sindicato, imprensa e resistência armada.

**Antissemitismo moderno:** Política que combinou preconceito religioso anterior com nacionalismo racial, teorias pseudocientíficas e mobilização de massa. A emancipação jurídica de judeus não eliminou discriminação.

**Assimilação:** Política que exige adoção de idioma, escola, religião ou normas do grupo dominante em troca de reconhecimento limitado. Pode ocorrer em Estados nacionais, colônias e fronteiras de povoamento.

**Autofortalecimento:** Conjunto de reformas Qing associado a arsenais, navegação, tradução, empresas e educação técnica. Não foi recusa de mudança, mas tentativa de selecionar instrumentos sob condições imperiais próprias.

**Cabos submarinos:** Linhas telegráficas instaladas sob oceanos. Reduziram tempo de comunicação entre mercados, governos e impérios, mas dependiam de estações, monopólios, reparo e segurança naval.

**Capital financeiro:** Relação entre bancos, bolsas, empresas, dívida pública e investimento. Pode sustentar indústria e infraestrutura, pressionar governos e interagir com expansão imperial sem ser causa única de toda conquista.

**Cidadania imperial:** Pertencimento jurídico dentro de império com direitos diferenciados por território, origem, raça, religião ou estatuto. Súdito imperial não possuía necessariamente direitos do cidadão metropolitano.

**Ciência racial:** Conjunto de classificações pseudocientíficas que naturalizaram hierarquias humanas. Seus métodos e conclusões foram contestados e não representam validade biológica contemporânea.

**Colônia de povoamento:** Projeto que transfere população, terra e soberania para colonos, frequentemente reduzindo direitos dos habitantes indígenas. Assentamento e governo metropolitano podem combinar-se de formas variadas.

**Companhia concessionária:** Empresa que recebe monopólio, território, receita ou poder administrativo. Sua autoridade privada depende de reconhecimento estatal e pode exercer coerção pública.

**Congresso de Berlim:** Reunião de 1878 que tratou dos Bálcãs e do equilíbrio europeu. Não deve ser confundido com a Conferência de Berlim de 1884-1885 sobre regras da expansão colonial na África.

**Conferência de Berlim:** Encontro de 1884-1885 em que potências regularam comércio, navegação e critérios de ocupação, especialmente na bacia do Congo. Não definiu sozinha todas as fronteiras africanas.

**Conscrição:** Recrutamento militar obrigatório. Produz exércitos de massa e pode funcionar como escola nacional, imposto de tempo e instrumento de integração ou resistência.

**Contrato coercitivo:** Relação formal de trabalho em que dívida, fraude, sanção penal, distância ou retenção de documentos restringe saída. Não é juridicamente idêntica à escravidão, mas exige análise de liberdade prática.

**Diáspora:** Comunidades formadas por dispersão e conexão entre lugares. Pode resultar de migração voluntária, comércio, perseguição, contrato ou deslocamento forçado e manter redes familiares, religiosas e políticas.

**Domínio:** No Império Britânico, colônia de povoamento com amplo autogoverno interno e lealdade à Coroa, como Canadá e Austrália. Autonomia dos colonos não significava soberania indígena ou igualdade racial.

**Dreno de riqueza:** Argumento nacionalista indiano segundo o qual receitas e recursos eram transferidos para a Grã-Bretanha sem retorno equivalente. Transformou orçamento colonial em crítica política.

**Estado-nação:** Projeto de fazer coincidir soberania estatal e comunidade nacional. Na prática, todos os Estados continham diferenças regionais, linguísticas, religiosas e sociais.

**Esfera de influência:** Área em que uma potência reivindica prioridade econômica ou estratégica sem anexação completa. Pode coexistir com soberania formal local e competição externa.

**Exame imperial:** Sistema Qing de recrutamento de letrados por clássicos confucionistas, abolido em 1905. Sua extinção mudou carreiras, educação e relação entre elite e Estado.

**Extraterritorialidade:** Privilégio que coloca estrangeiros sob jurisdição consular ou própria em vez de tribunais locais. Foi elemento central dos tratados desiguais na China, Japão e Império Otomano.

**Genocídio:** Destruição intencional, total ou parcial, de grupo nacional, étnico, racial ou religioso. O conceito jurídico foi formulado depois do período, mas é aplicado pela historiografia a processos anteriores quando evidência sustenta intenção e mecanismo.

**Globalização:** Ampliação de fluxos de mercadorias, capital, pessoas e informação. Não implica fronteiras abertas, igualdade, mercado único ou desaparecimento de Estados e impérios.

**Governo direto:** Administração colonial que substitui ou subordina fortemente autoridades locais por funcionários e códigos metropolitanos. Mesmo assim, depende de intérpretes e mediadores.

**Governo de companhia:** Exercício de receita, justiça, diplomacia ou força por corporação privilegiada. Companhia pode agir como soberano em alguns domínios e comerciante em outros.

**Imperialismo:** Política e relação de poder pela qual um Estado, empresa ou conjunto de agentes amplia controle territorial, econômico, jurídico ou estratégico sobre outros. Causas e formas precisam ser demonstradas caso a caso.

**Imperialismo de alta intensidade:** Combinação especialmente forte, depois de 1870, entre competição estatal, capital, infraestrutura, ideologia racial, ocupação e administração colonial. O termo não elimina continuidades anteriores.

**Indenture:** Contrato de trabalho por prazo, frequentemente usado para transportar indianos e outros trabalhadores após a abolição. Promessa de salário e retorno coexistia com sanções e dependência.

**Industrialização:** Transformação prolongada de energia, produção, trabalho, transporte e organização econômica. Não é evento único nem sinônimo de quantidade de fábricas.

**Jim Crow:** Sistema de segregação e exclusão racial estabelecido por leis, decisões, costumes e violência política nos Estados Unidos depois da Reconstrução.

**Nacionalismo:** Práticas e ideias que definem uma comunidade nacional e reivindicam autoridade em seu nome. Pode sustentar emancipação, unificação, assimilação ou expansão imperial.

**Padrão-ouro:** Arranjo monetário que vincula moeda a quantidade de ouro e facilita certos pagamentos internacionais. Exige políticas internas e não impede crise financeira.

**Política da Austrália Branca:** Conjunto de leis e práticas que restringiu imigração não europeia após a federação australiana. Ligou formação nacional a uma linha global de cor.

**Política de portas abertas:** Proposta dos Estados Unidos para preservar acesso comercial à China entre potências, sem divisão formal completa. Não eliminou tratados desiguais nem soberania limitada.

**Pós-abolição:** Campo histórico que estuda liberdade, trabalho, família, terra, cidadania e racismo depois da escravidão legal. Evita tratar emancipação como ponto final.

**Protetorado:** Forma em que autoridade local permanece formalmente soberana enquanto potência externa controla diplomacia, defesa ou administração decisiva. O grau de tutela varia.

**Segregação:** Separação institucional de grupos em escola, moradia, transporte, trabalho ou cidadania. Pode ser legal, administrativa ou sustentada por práticas sociais coercitivas.

**Soberania graduada:** Distribuição desigual de autoridade dentro de império. Príncipes, províncias, domínios, concessões e colônias podem possuir competências diferentes sem plena independência.

**Swadeshi:** Movimento de produção e consumo nacional associado ao boicote de bens estrangeiros na Índia, especialmente após a partição de Bengala em 1905.

**Tanzimat:** Período de reformas otomanas iniciado em 1839, com reorganização militar, fiscal, jurídica, educacional e administrativa. Sua aplicação foi desigual e negociada.

**Tratado desigual:** Acordo imposto sob forte assimetria que concede portos, tarifas, território ou extraterritorialidade. O termo exige identificar cláusulas e contexto, não apenas resultado desfavorável.

**Zollverein:** União aduaneira liderada pela Prússia que reduziu barreiras entre muitos Estados germânicos antes de 1871. Facilitou integração econômica, mas não causou sozinha a unificação.

## Apêndice E. Laboratório de fontes e atividades

### E.1 Protocolo de leitura em oito perguntas

1. Quem produziu a fonte e qual posição institucional ocupava?
2. O registro foi criado durante o acontecimento, depois dele ou para justificá-lo?
3. Qual público deveria ler, ouvir ou ver o documento?
4. Que território, grupo e escala aparecem, e quais ficaram fora?
5. As categorias usadas eram autodescrição, classificação estatal ou rótulo posterior?
6. Que recursos, intermediários e condições materiais tornaram a fonte possível?
7. Que evidência independente confirma, limita ou contradiz a afirmação?
8. O que permanece incerto e como essa incerteza será escrita?

### E.2 Dossiê 1 - Ferrovia, império e desenvolvimento

Escolha uma ferrovia na Índia, África, Rússia, Japão ou América Latina. Compare mapa, contrato, tarifa, relatório de tráfego e relato comunitário.

- Identifique proprietário, financiador e garantia pública.
- Marque portos, minas, áreas agrícolas, cidades e fronteiras.
- Diferencie passageiros, carga, tropa e assentamento.
- Verifique quem perdeu terra, pagou imposto ou forneceu trabalho.
- Conclua se a linha integrou mercado, corredor exportador ou ambos.

### E.3 Dossiê 2 - Censo e fabricação de categorias

Compare instruções de dois censos, por exemplo Índia britânica e Rússia, Brasil e Estados Unidos, ou Habsburgos e Otomanos.

- Registre definição de raça, casta, língua, religião ou ocupação.
- Observe respostas múltiplas e categorias impostas.
- Compare território e método de contagem.
- Evite transformar classificação administrativa em identidade eterna.
- Escreva nota metodológica antes de usar qualquer número.

### E.4 Dossiê 3 - Adwa em arquivos concorrentes

Compare fonte etíope, italiana, diplomática e jornalística sobre a guerra de 1895-1896.

- Identifique objetivos de Menelik II e do governo italiano.
- Mapeie logística, alianças, armamentos e tradução de tratados.
- Separe propaganda, informação operacional e memória posterior.

- Explique vitória sem recorrer a superioridade cultural abstrata.

### E.5 Dossiê 4 - Pós-abolição no Brasil

Use processos, jornais, registros civis, contratos e memória comunitária para acompanhar uma família ou localidade depois de 1888.

- Procure mudança de sobrenome, moradia, trabalho e parentesco.
- Diferencie ausência no arquivo de ausência histórica.
- Registre ação de libertos e não apenas decisão de antigos proprietários.
- Compare liberdade jurídica, mobilidade e acesso a terra.

### E.6 Dossiê 5 - Trabalho contratado no Índico

Combine contrato, lista de passageiros, regulamento, jornal e testemunho sobre migração indiana.

- Identifique recrutador, salário, prazo, sanção e retorno.
- Calcule estimativas sem ocultar sub-registro.
- Compare escolha inicial com liberdade durante o contrato.
- Acompanhe religião, família e associação no destino.

### E.7 Dossiê 6 - Meiji e Qing sem ranking civilizacional

Compare imposto, escola, exército, orçamento e empresa nos dois impérios entre 1860 e 1905.

- Use indicadores equivalentes e datas próximas.
- Diferencie capacidade central de projeto regional.
- Relacione guerra a logística, comando e finanças.
- Não transforme resultado de 1895 em essência nacional.

### E.8 Dossiê 7 - Conferência de Berlim e conquista real

Escolha um território africano e compare ata internacional, tratado local, mapa de reivindicação e data de presença administrativa.

- Marque o que a conferência regulou.
- Localize quem assinou tratados e em que idioma.
- Identifique tropas, companhias e intermediários.
- Determine quando e onde controle efetivo existiu.
- Registre resistências posteriores à anexação formal.

### E.9 Dossiê 8 - Uma fotografia colonial

Selecione imagem de arquivo e reconstrua sua trajetória: criação, legenda, publicação, arquivamento e reutilização.

- Identifique fotógrafo, instituição e pessoa retratada quando possível.
- Compare cópias e cortes.
- Descreva pose e objeto sem atribuir intenção não documentada.
- Pergunte se a legenda transforma pessoa em tipo racial ou colonial.
- Verifique licença antes de publicar.

### E.10 Dossiê 9 - Migração e carta familiar

Compare carta de migrante com lista de passageiros, censo e remessa financeira.

- Diferencie expectativa, experiência e memória.
- Identifique rede familiar e informação disponível.
- Registre retorno, circulação ou permanência.
- Evite tratar toda viagem como decisão livre ou totalmente forçada.

### E.11 Dossiê 10 - A crise de julho de 1914

Construa linha do tempo diária com documentos diplomáticos de pelo menos quatro governos.

- Separe informação recebida de conhecimento posterior.
- Marque ultimato, garantia, mobilização e declaração.
- Identifique alternativas percebidas em cada etapa.
- Não atribua causalidade a uma única frase fora de contexto.

### E.12 Oficina de cronologia conectada

1. Selecione seis formações coexistentes em 1861, 1885, 1898, 1905 e 1911.
2. Para cada uma, marque receita, trabalho, infraestrutura e representação.
3. Conecte apenas relações demonstráveis por comércio, guerra, migração ou diplomacia.
4. Use linha tracejada para comparação sem contato direto.
5. Acrescente uma fonte primária e uma monografia a cada conexão importante.
6. Classifique a conclusão como segura, provável, debatida ou desconhecida.

### E.13 Oficina de artigo para blog

Um artigo forte pode ser construído em seis blocos:

1. Título-problema, não ranking: Como uma ferrovia se tornou instrumento de mercado e império?
2. Cena documentada com fonte identificada e data.
3. Contexto de 150 a 250 palavras que localiza atores e soberanias.
4. Três mecanismos comparados: receita, trabalho e infraestrutura.

5. Quadro mito versus evidência ou cronologia curta.
6. Conclusão que indica o que é seguro, provável e ainda debatido.

Adapte a redação à sua voz, preserve autoria e cite obras consultadas. Imagens, mapas, gravuras e filmes exigem verificação própria de licença. Acervo público não significa automaticamente domínio público.

#### E.14 Temas de posts seriados

- Por que 1850 ainda não era um mundo totalmente europeu.
- A ferrovia que serviu mercado, exército e resistência ao mesmo tempo.
- Como o Japão Meiji construiu Estado nacional e império colonial.
- A Etiópia em Adwa: logística africana e diplomacia global.
- O que a Conferência de Berlim decidiu e o que não decidiu.
- Abolição no Brasil: lei, mobilização e liberdade depois de 1888.
- Como trabalhadores indianos conectaram Caribe, África e oceano Índico.
- China Qing: reformas que existiram antes da revolução.
- Por que nacionalismo não criou fronteiras naturalmente homogêneas.
- Como Estados Unidos e Japão complicam a ideia de imperialismo apenas europeu.
- Migração em massa e a construção da linha global de cor.
- 1914: estrutura de risco não é o mesmo que guerra inevitável.

#### E.15 Questões de revisão

1. Por que 1850 não marca domínio europeu completo?
2. Que condições transformam invenção em industrialização?
3. Como nacionalismo pode emancipar e excluir?
4. Por que império multinacional não era necessariamente Estado fracassado?
5. Como dívida reduz soberania sem produzir anexação automática?
6. Que recursos indianos sustentaram o Raj?
7. Por que reformas Qing não devem ser apagadas pela revolução de 1911?
8. Como industrialização japonesa se ligou a colonialismo?
9. O que a Conferência de Berlim realmente regulou?
10. Como trabalho assalariado coexistiu com coerção?
11. Por que abolição e pós-abolição precisam ser estudados separadamente?
12. Como migração cresceu junto com restrição racial?

13. O que diferencia colônia, protetorado e esfera de influência?
14. Como povos colonizados alteraram instituições imperiais?
15. Por que alianças de 1914 não funcionavam como dominós automáticos?

### E.16 Rubrica para avaliar uma resposta

| Critério   | Excelente                                            | Satisfatório           | Precisa revisão                                            |
|------------|------------------------------------------------------|------------------------|------------------------------------------------------------|
| Cronologia | Situa processo antes e depois da data                | Usa datas corretas     | Trata data como começo ou fim absoluto                     |
| Evidência  | Identifica autor, gênero, escala e limite            | Cita fonte com cautela | Repete documento como verdade neutra                       |
| Comparação | Compara mecanismo e explica diferença                | Nota semelhança geral  | Faz ranking de civilizações                                |
| Agência    | Localiza escolhas sob restrições                     | Menciona resistência   | Apaga atores locais ou distribui culpa indiscriminadamente |
| Escala     | Conecta casa, região, império e mundo quando provado | Mantém escala coerente | Salta do caso local para regra global                      |
| Incerteza  | Distingue seguro, provável e debatido                | Usa cautela ocasional  | Apresenta estimativa como número exato                     |

**Integridade acadêmica:** Adaptar ou reorganizar a síntese exige interpretação própria e referências verificáveis. Trocar palavras sem compreender o argumento não cria autoria; documentar escolhas e fontes cria trabalho publicável.

## Bibliografia comentada

### História global, impérios e comparação

BAYLY, C. A. *The Birth of the Modern World, 1780-1914*. Blackwell, 2004. Síntese global que conecta instituições, religiões, nacionalismos e impérios.

BURBANK, Jane; COOPER, Frederick. *Empires in World History: Power and the Politics of Difference*. Princeton University Press, 2010. Compara repertórios imperiais sem supor Estado-nação como destino.

COOPER, Frederick. *Colonialism in Question: Theory, Knowledge, History*. University of California Press, 2005. Discute conceitos, escalas e limites de generalizações sobre colonialismo.

DARWIN, John. *After Tamerlane: The Global History of Empire since 1405*. Bloomsbury, 2007. Interpreta competição eurasiática e expansão ocidental em longa duração.

DARWIN, John. *The Empire Project: The Rise and Fall of the British World-System, 1830-1970*. Cambridge University Press, 2009. Analisa a arquitetura econômica e política do sistema britânico.

HOBSBAWM, Eric. *The Age of Capital, 1848-1875*. Vintage, edições diversas. Síntese clássica sobre burguesia, indústria e transformações pós-1848.

HOBSBAWM, Eric. *The Age of Empire, 1875-1914*. Vintage, edições diversas. Obra clássica sobre capitalismo, nacionalismo, império e política de massa.

OSTERHAMMEL, Jürgen. *Colonialism: A Theoretical Overview*. Markus Wiener, 1997. Define formas coloniais com precisão comparativa.

OSTERHAMMEL, Jürgen. *The Transformation of the World: A Global History of the Nineteenth Century*. Princeton University Press, 2014. Referência ampla sobre mobilidade, Estado, cidade, império e tempo histórico.

POMERANZ, Kenneth. *The Great Divergence*. Princeton University Press, 2000. Compara Europa e Ásia com atenção a energia, ecologia e colônias.

STOLER, Ann Laura. *Along the Archival Grain*. Princeton University Press, 2009. Ensina a ler incerteza e categorias dentro do arquivo colonial.

PUTNAM, Lara. *The Transnational and the Text-Searchable: Digitized Sources and the Shadows They Cast*. *The American Historical Review*, v. 121, n. 2, p. 377-402, 2016. DOI: 10.1093/ahr/121.2.377. Ensaio metodológico sobre pesquisa transnacional em acervos digitalizados e os vieses criados pela busca de texto.

### Indústria, tecnologia, finanças e ambiente

ADAS, Michael. *Machines as the Measure of Men*. Cornell University Press, 1989. Examina como tecnologia foi usada para classificar sociedades e justificar império.

ALLEN, Robert C. *The British Industrial Revolution in Global Perspective*. Cambridge University Press, 2009. Explica incentivos econômicos, energia e inovação britânica em comparação global.

BECKERT, Sven. *Empire of Cotton*. Knopf, 2014. Conecta campo, escravidão, indústria, Estado e mercado mundial do algodão.

CHANDLER, Alfred D. *Scale and Scope*. Harvard University Press, 1990. Estuda crescimento de grandes empresas industriais em países centrais.

HEADRICK, Daniel R. *The Tools of Empire*. Oxford University Press, 1981. Relaciona tecnologia e expansão imperial, sem substituir explicação política.

HEADRICK, Daniel R. *The Tentacles of Progress*. Oxford University Press, 1988. Analisa transferência tecnológica e infraestrutura no mundo imperial.

HUGHES, Thomas P. *Networks of Power*. Johns Hopkins University Press, 1983. História comparativa dos sistemas elétricos e de suas escolhas institucionais.

LANDES, David S. *The Unbound Prometheus*. Cambridge University Press, edições diversas. Síntese clássica da industrialização europeia, útil quando contrastada com estudos globais.

MOKYR, Joel. *The Enlightened Economy*. Yale University Press, 2009. Relaciona cultura de conhecimento, técnica e industrialização britânica.

SMIL, Vaclav. *Creating the Twentieth Century*. Oxford University Press, 2005. Explica inovações materiais e energéticas que se consolidaram antes de 1914.

STEARNS, Peter N. *The Industrial Revolution in World History*. Westview, edições diversas. Introdução comparativa a industrializações e seus efeitos sociais.

### Trabalho, cidades e movimentos sociais

ELEY, Geoff. *Forging Democracy*. Oxford University Press, 2002. História ampla da esquerda europeia, dos movimentos sociais à política de massa.

HOBBSBAWM, Eric. *Labouring Men*. Weidenfeld & Nicolson, 1964. Ensaio clássico sobre trabalho e organização operária.

JOYCE, Patrick. *The Rule of Freedom*. Verso, 2003. Mostra como liberalismo, cidade e administração produziram novas formas de governo.

LUCASSEN, Jan. *The Story of Work*. Yale University Press, 2021. Longa história global do trabalho, útil para não reduzir o período à fábrica europeia.

SEWELL JR., William H. *Work and Revolution in France*. Cambridge University Press, 1980. Analisa linguagem de trabalho, ofício e política francesa.

THOMPSON, E. P. *The Making of the English Working Class*. Vintage, edições diversas. Obra central sobre experiência e agência na formação de classe.

VAN DER LINDEN, Marcel. *Workers of the World*. Brill, 2008. Propõe história global do trabalho além do assalariado formal.

### Nacionalismos, Alemanha, Itália e França

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Verso, edições diversas. Formulação influente sobre imprensa, soberania e comunidade nacional.

BLACKBOURN, David. *History of Germany, 1780-1918: The Long Nineteenth Century*. Blackwell, 2003. Síntese política e social equilibrada.

CLARK, Christopher. *Iron Kingdom: The Rise and Downfall of Prussia, 1600-1947*. Harvard University Press, 2006. Contextualiza Estado prussiano e unificação.

HOBBSBAWM, Eric. *Nations and Nationalism since 1780*. Cambridge University Press, edições diversas. Distingue construção nacional de essência histórica.

RIALL, Lucy. *The Italian Risorgimento*. Routledge, 1994. Introdução crítica a unificação, mobilização e interpretações italianas.

RETAILLACK, James. *Germany's Second Reich*. University of Toronto Press, 2015. Reavalia política, participação e autoridade no Império Alemão.

WEBER, Eugen. *Peasants into Frenchmen*. Stanford University Press, 1976. Estuda escola, estrada, exército e nacionalização da França rural.

SHEEHAN, James J. *German History, 1770-1866*. Oxford University Press, 1993. Síntese de longa duração sobre estruturas políticas, sociedade e transformações alemãs anteriores à unificação, útil para situar 1848 e a predominância prussiana.

## Rússia, Habsburgos e Europa oriental

- BURBANK, Jane. *Russian Peasants Go to Court*. Indiana University Press, 2004. Demonstra uso camponês de tribunais e agência dentro do império.
- DEÁK, István. *Beyond Nationalism: A Social and Political History of the Habsburg Officer Corps*. Oxford University Press, 1990. Analisa lealdade imperial e diversidade no exército.
- HOSKING, Geoffrey. *Russia: People and Empire, 1552-1917*. Harvard University Press, 1997. Síntese de Estado, identidade e expansão.
- JUDSON, Pieter M. *The Habsburg Empire: A New History*. Harvard University Press, 2016. Rejeita narrativa simples de decadência e mostra negociação imperial.
- LIEVEN, Dominic. *Empire: The Russian Empire and Its Rivals*. Yale University Press, 2000. Compara recursos, fronteiras e competição entre grandes impérios.
- MILLER, Alexei. *The Romanov Empire and Nationalism*. Central European University Press, 2008. Estuda políticas nacionais e alternativas imperiais.
- WEEKS, Theodore R. *Nation and State in Late Imperial Russia*. Northern Illinois University Press, 1996. Examina russificação e políticas ocidentais do império.

## Império Otomano, Egito e Irã

- AMANAT, Abbas. *Iran: A Modern History*. Yale University Press, 2017. Síntese extensa do Irã Qajar, constitucionalismo e pressões externas.
- COLE, Juan. *Colonialism and Revolution in the Middle East*. Princeton University Press, 1993. Reconstrói movimento Urabi e ocupação britânica do Egito.
- DERINGIL, Selim. *The Well-Protected Domains*. I. B. Tauris, 1998. Analisa ideologia, legitimidade e centralização sob Abdülhamid II.
- FORTNA, Benjamin C. *Imperial Classroom*. Oxford University Press, 2002. Compara educação e formação política nos impérios Otomano e russo.
- HANIOĞLU, M. Şükrü. *A Brief History of the Late Ottoman Empire*. Princeton University Press, 2008. Síntese institucional e intelectual do império tardio.
- KEDDIE, Nikki R. *Modern Iran: Roots and Results of Revolution*. Yale University Press, 2003. Contextualiza Qajar, tabaco e constitucionalismo.
- MITCHELL, Timothy. *Colonising Egypt*. Cambridge University Press, 1988. Estudo influente sobre disciplina, representação e Estado colonial.
- OWEN, Roger. *The Middle East in the World Economy, 1800-1914*. I. B. Tauris, 1981. Liga agricultura, dívida, comércio e integração desigual.
- QUATAERT, Donald. *The Ottoman Empire, 1700-1922*. Cambridge University Press, 2005. Introdução que destaca trabalho, economia e transformação.
- ZÜRCHER, Erik J. *Turkey: A Modern History*. I. B. Tauris, edições diversas. Acompanha constitucionalismo, Jovens Turcos e transição política.

## Índia e o Raj

- BAYLY, C. A. *Indian Society and the Making of the British Empire*. Cambridge University Press, 1988. Mostra como redes indianas moldaram Estado colonial.
- BOSE, Sugata; JALAL, Ayesha. *Modern South Asia*. Routledge, edições diversas. Síntese regional que conecta colonialismo, economia e nacionalismos.

- COHN, Bernard S. *Colonialism and Its Forms of Knowledge*. Princeton University Press, 1996. Analisa censo, direito, idioma e classificação colonial.
- GOSWAMI, Manu. *Producing India*. University of Chicago Press, 2004. Relaciona espaço econômico, ferrovia e imaginação nacional.
- METCALF, Barbara D.; METCALF, Thomas R. *A Concise History of Modern India*. Cambridge University Press, edições diversas. Síntese acessível e rigorosa.
- METCALF, Thomas R. *Ideologies of the Raj*. Cambridge University Press, 1994. Examina linguagens de diferença e governo colonial.
- MUKHERJEE, Rudrangshu. *Awadh in Revolt, 1857-1858. Permanent Black*, edições diversas. Estudo regional da rebelião além da narrativa de motim.
- SATYA, Laxman D. *Cotton and Famine in Berar, 1850-1900*. Manohar, 1997. Liga agricultura comercial, receita, crédito e crise.
- WAGNER, Kim A. *The Great Fear of 1857*. Peter Lang, 2010. Analisa rumores, medo e violência colonial sem reduzir o conflito a uma causa.

### China Qing e República

- COHEN, Paul A. *History in Three Keys: The Boxers as Event, Experience, and Myth*. Columbia University Press, 1997. Modelo de comparação entre evento, memória e interpretação.
- ESHERICK, Joseph W. *The Origins of the Boxer Uprising*. University of California Press, 1987. Reconstrução regional que explica coalizões, ambiente e religião.
- KUHN, Philip A. *Origins of the Modern Chinese State*. Stanford University Press, 2002. Analisa dilemas de centralização e soberania do Qing tardio.
- PLATT, Stephen R. *Autumn in the Heavenly Kingdom*. Knopf, 2012. Narrativa documentada da fase final da guerra Taiping e de suas conexões externas.
- ROWE, William T. *China's Last Empire: The Great Qing*. Harvard University Press, 2009. Síntese institucional, social e econômica do império.
- SPENCE, Jonathan D. *The Search for Modern China*. W. W. Norton, edições diversas. Introdução ampla à transformação chinesa.
- WRIGHT, Mary C. *The Last Stand of Chinese Conservatism*. Stanford University Press, 1957. Estudo clássico do movimento de restauração e de seus limites.

### Japão, Coreia e Leste Asiático

- DUDDEN, Alexis. *Japan's Colonization of Korea*. University of Hawai'i Press, 2005. Examina linguagem jurídica, tratados e dominação colonial.
- DUUS, Peter. *The Abacus and the Sword*. University of California Press, 1995. Estudo fundamental do imperialismo japonês na Coreia.
- GORDON, Andrew. *A Modern History of Japan*. Oxford University Press, edições diversas. Síntese social e política do Tokugawa tardio ao Japão moderno.
- HOWELL, David L. *Geographies of Identity in Nineteenth-Century Japan*. University of California Press, 2005. Analisa fronteiras, Ainu e construção territorial.
- JANSEN, Marius B. *The Making of Modern Japan*. Harvard University Press, 2000. Síntese extensa de instituições e atores da transformação Meiji.
- PYLE, Kenneth B. *Japan Rising*. PublicAffairs, 2007. Explica estratégia internacional e construção de poder japonês.

RAVINA, Mark. To Stand with the Nations of the World. Oxford University Press, 2017. Interpreta Restauração Meiji como revolução política conectada globalmente.

SCHMID, Andre. Korea Between Empires, 1895-1919. Columbia University Press, 2002. Estuda nacionalismo coreano entre China, Japão e modernidade imperial.

### Sudeste Asiático e Pacífico

ANDERSON, Benedict. Imagined Communities. Verso, edições diversas. Seus casos do Sudeste Asiático iluminam imprensa, censos e nacionalismo colonial.

BELICH, James. Replenishing the Earth. Oxford University Press, 2009. Compara sociedades de colonização britânica, migração e expansão territorial.

FURNIVALL, J. S. Colonial Policy and Practice. Cambridge University Press, 1948. Clássico sobre Birmânia e Indonésia, a ser lido com historiografia posterior.

ILETO, Reynaldo C. Pasyon and Revolution. Ateneo de Manila University Press, 1979. Analisa linguagem popular e mobilização na Revolução Filipina.

RAFAEL, Vicente L. Contracting Colonialism. Cornell University Press, 1988. Estuda tradução, religião e poder nas Filipinas espanholas.

STEINBERG, David Joel, ed. In Search of Southeast Asia. University of Hawai'i Press, edições diversas. Síntese regional de longa duração.

TARLING, Nicholas. Imperialism in Southeast Asia. Routledge, 2001. Compara expansão e administração das potências coloniais.

WINICHAKUL, Thongchai. Siam Mapped. University of Hawai'i Press, 1994. Obra central sobre cartografia, fronteira e geocorpo nacional.

### África, partilha e colonialismo

AFIGBO, A. E. Ropes of Sand. Oxford University Press, 1981. Analisa governo indireto e transformação de autoridades no sudeste nigeriano.

BOAHEN, A. Adu, ed. General History of Africa, vol. VII: Africa under Colonial Domination, 1880-1935. UNESCO, 1985. Síntese coletiva com foco em respostas africanas.

CROWDER, Michael. West Africa under Colonial Rule. Northwestern University Press, 1968. Estudo clássico, útil em diálogo com trabalhos recentes.

GEWALD, Jan-Bart. Herero Heroes. James Currey, 1999. Reconstrói política, identidade e guerra na Namíbia colonial.

HULL, Isabel V. Absolute Destruction. Cornell University Press, 2005. Relaciona cultura militar alemã, administração e violência colonial.

ILIFFE, John. Africans: The History of a Continent. Cambridge University Press, edições diversas. Síntese de longa duração centrada em sociedades africanas.

MAMDANI, Mahmood. Citizen and Subject. Princeton University Press, 1996. Formula análise influente sobre cidadania urbana e autoridade rural colonial.

PAKENHAM, Thomas. The Scramble for Africa. Random House, 1991. Narrativa acessível, melhor utilizada com obras africanas e estudos regionais.

REID, Richard J. A History of Modern Africa. Wiley-Blackwell, edições diversas. Síntese que destaca guerra, Estado e agência africana.

ROBINSON, Ronald; GALLAGHER, John. Africa and the Victorians. Macmillan, 1961. Clássico sobre estratégia e expansão, sujeito a revisão historiográfica.

SUNSERI, Thaddeus. *Wielding the Ax*. Ohio University Press, 2009. Relaciona floresta, ciência, trabalho e colonialismo na Tanzânia.

WESSELING, H. L. *Divide and Rule*. Praeger, 1996. História comparativa da partilha africana entre potências europeias.

YOUNG, Crawford. *The African Colonial State in Comparative Perspective*. Yale University Press, 1994. Compara instituições e heranças do Estado colonial.

ZIMMERER, Jürgen; ZELLER, Joachim, eds. *Genocide in German South-West Africa*. Merlin Press, 2008. Estudos sobre guerra, desapropriação e genocídio Herero e Nama.

### Escravidão, emancipação e pós-abolição

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação*. Companhia das Letras, 2009. Analisa raça, cidadania e política na Bahia pós-abolição.

ANDREWS, George Reid. *Afro-Latin America, 1800-2000*. Oxford University Press, 2004. Síntese comparativa de liberdade, trabalho e política negra.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade*. Companhia das Letras, edições diversas. Reconstrói ações de pessoas escravizadas no processo de abolição no Rio.

DU BOIS, W. E. B. *Black Reconstruction in America*. Harcourt, 1935; edições modernas. Interpretação fundadora da agência negra na Reconstrução.

FONER, Eric. *Reconstruction: America's Unfinished Revolution, 1863-1877*. Harper & Row, 1988. Referência central sobre emancipação e cidadania nos Estados Unidos.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade*. Editora da Unicamp, 2006. Acompanha trajetórias de libertos e antigos proprietários na Bahia.

HAHN, Steven. *A Nation under Our Feet*. Harvard University Press, 2003. Analisa política rural negra no Sul dos Estados Unidos.

HOLT, Thomas C. *The Problem of Freedom*. Johns Hopkins University Press, 1992. Compara emancipação e trabalho na Jamaica e no mundo britânico.

MATTOS, Hebe. *Das cores do silêncio*. Nova Fronteira, edições diversas. Estuda significados de liberdade e cidadania no sudeste escravista e pós-abolicionista.

SCOTT, Rebecca J. *Degrees of Freedom*. Harvard University Press, 2005. Compara pós-emancipação em Cuba e Louisiana.

### Américas, fronteiras e império

ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas*. Companhia das Letras, 2015. Reconstrói o movimento abolicionista brasileiro como mobilização política ampla.

BANNER, Stuart. *How the Indians Lost Their Land*. Harvard University Press, 2005. Analisa tratados, direito e desapropriação indígena nos Estados Unidos.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem e Teatro de sombras*. Civilização Brasileira, edições diversas. Estuda elites, burocracia e política imperial brasileira.

GRANDIN, Greg. *Empire's Workshop*. Metropolitan Books, 2006. Interpreta América Latina como espaço de formação do poder imperial dos Estados Unidos.

HÄMÄLÄINEN, Pekka. *The Comanche Empire*. Yale University Press, 2008. Centraliza poder indígena na história da fronteira norte-americana.

HOGANSON, Kristin L. *Fighting for American Manhood*. Yale University Press, 1998. Relaciona gênero, política e expansão dos Estados Unidos em 1898.

KNIGHT, Alan. *The Mexican Revolution*. Cambridge University Press, 1986. Estudo de referência sobre coalizões, regiões e causas da revolução.

LAFEVER, Walter. *The New Empire*. Cornell University Press, edições diversas. Clássico sobre economia e expansão norte-americana de 1860 a 1898.

OSTLER, Jeffrey. *Surviving Genocide*. Yale University Press, 2019. Analisa violência colonial e sobrevivência indígena nos Estados Unidos.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. Companhia das Letras, 2015. Síntese nacional ampla com escravidão, império e república.

### **Migrações, fronteiras e linha global de cor**

GABACCIA, Donna R. *Italy's Many Diasporas*. University of Washington Press, 2000. Conecta migração italiana, retorno, política e identidade.

HOERDER, Dirk. *Cultures in Contact*. Duke University Press, 2002. História mundial das migrações e encontros culturais.

LAKE, Marilyn; REYNOLDS, Henry. *Drawing the Global Colour Line*. Cambridge University Press, 2008. Compara políticas raciais de imigração em impérios de povoamento.

MCKEOWN, Adam. *Melancholy Order*. Columbia University Press, 2008. Estuda migração asiática, documentos e controle fronteiriço.

MOYA, José C. *Cousins and Strangers*. University of California Press, 1998. Análise detalhada da imigração espanhola em Buenos Aires.

NORTHROP, David. *Indentured Labor in the Age of Imperialism, 1834-1922*. Cambridge University Press, 1995. Compara recrutamento, contrato e diásporas do trabalho.

### **Diplomacia, armamentos e crise de 1914**

CLARK, Christopher. *The Sleepwalkers*. Harper, 2012. Reconstrói decisões e interações que levaram à guerra sem causalidade única.

JOLL, James; MARTEL, Gordon. *The Origins of the First World War*. Routledge, edições diversas. Guia clássico aos debates historiográficos.

KENNEDY, Paul. *The Rise and Fall of the Great Powers*. Random House, 1987. Relaciona economia, estratégia e extensão imperial.

MACMILLAN, Margaret. *The War That Ended Peace*. Random House, 2013. Narrativa diplomática ampla das escolhas anteriores a 1914.

STEVENSON, David. *Armaments and the Coming of War: Europe, 1904-1914*. Oxford University Press, 1996. Estudo preciso de planejamento, orçamento e risco.

STRACHAN, Hew. *The First World War, vol. I: To Arms*. Oxford University Press, 2001. Situa guerra em contexto imperial e global.

### **Fontes primárias em edições modernas**

ATA GERAL DA CONFERÊNCIA DE BERLIM. Texto de 1885 em arquivos diplomáticos e edições acadêmicas. Distinguir cláusulas internacionais de ocupação posterior.

CONSTITUIÇÃO DO IMPÉRIO DO JAPÃO. Texto de 1889 em arquivos japoneses e traduções acadêmicas. Ler com leis eleitorais e prática institucional.

CONSTITUIÇÃO OTOMANA. Texto de 1876 em edições acadêmicas. Comparar direitos declarados, suspensão parlamentar e restauração de 1908.

DU BOIS, W. E. B. *The Souls of Black Folk*. 1903; edições modernas. Fonte intelectual sobre raça, cidadania e experiência afro-americana.

FUKUZAWA, Yukichi. *An Outline of a Theory of Civilization*. 1875; Columbia University Press, tradução moderna. Debates Meiji sobre civilização e Estado.

LEI ÁUREA. Texto de 13 de maio de 1888 no Arquivo Nacional e em acervos legislativos. A brevidade jurídica exige cruzamento com mobilização social.

NAOROJI, Dadabhai. *Poverty and Un-British Rule in India*. 1901; edições modernas. Formula crítica econômica nacionalista ao dreno de riqueza.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. 1883; edições modernas. Fonte central da campanha brasileira, a ser comparada com imprensa e ação de escravizados.

PROCLAMAÇÃO DE EMANCIPAÇÃO E EMENDAS 13ª, 14ª E 15ª. National Archives dos Estados Unidos. Permitem distinguir guerra, abolição, cidadania e voto.

WELLS, Ida B. *Southern Horrors*. 1892; edições modernas. Jornalismo e denúncia da violência racial, a ser lido com contexto de circulação e campanha.

## Fontes digitais, cursos, aulas e documentários sérios

### Critérios de seleção

Os recursos abaixo pertencem a arquivos, bibliotecas, universidades, museus, emissoras públicas ou projetos científicos reconhecidos. Disponibilidade, idioma e acesso a vídeos podem variar por país. Documentário é introdução audiovisual e deve ser confrontado com bibliografia, fontes primárias e contexto de produção.

### Acervos globais e ferramentas de pesquisa

[UNESCO - História Geral da África](#)

[UNESCO - História Geral da África, volume VII, 1880-1935](#)

[Europeana - patrimônio digital europeu](#)

[Library of Congress - World Digital Library](#)

[Library of Congress - coleções digitais](#)

[Gallica, Bibliothèque nationale de France](#)

[HathiTrust Digital Library](#)

[Internet Archive - livros e documentos digitalizados](#)

[Fordham Modern History Sourcebook](#)

### Indústria, cidades e trabalho

[Science Museum Group Collection - máquinas, energia e indústria](#)

[Science Museum - ambiente e industrialização](#)

[The National Archives - Victorian Industrial Towns](#)

[The National Archives - recursos educativos](#)

[UK Parliament Living Heritage - reforma, voto e legislação](#)

[Old Bailey Online - processos de Londres, 1674-1913](#)

[International Institute of Social History - acervos do trabalho](#)

[International Labour Organization - história da OIT](#)

[Hagley Digital Archives - empresas, tecnologia e trabalho](#)

### Europa, Rússia e impérios continentais

[German History in Documents and Images](#)

[GHDI - mapa do Império Alemão, 1871-1918](#)

[ANNO - jornais históricos da Biblioteca Nacional Austríaca](#)

[Austrian National Library - biblioteca digital](#)

[Russian National Library - catálogos online](#)

[Gallica - jornais, revistas, livros e mapas franceses](#)

[Europeana Newspapers - pesquisa em jornais europeus](#)

## **Império Otomano, Egito, Irã e oceano Índico**

[SALT Research - arquivos otomanos, urbanos e empresariais](#)

[Qatar Digital Library - acervo do Golfo e do Índico](#)

[Qatar Digital Library - India Office Records, 1600-1950](#)

[Qatar Digital Library - artigos temáticos de especialistas](#)

[British Library Endangered Archives Programme](#)

[British Library - Asian and African Studies](#)

## **Índia e Sul da Ásia**

[National Archives of India](#)

[Abhilekh Patal - portal digital dos Arquivos Nacionais da Índia](#)

[Digital South Asia Library](#)

[South Asia Open Archives](#)

[Library of Congress - South Asian Collection](#)

[British Library - India Office Records and Private Papers](#)

## **China, Japão e Coreia**

[Columbia Asia for Educators - fontes primárias sobre China](#)

[Columbia Asia for Educators - recursos sobre Japão](#)

[Columbia Asia for Educators - vídeos de história asiática](#)

[MIT Visualizing Cultures - império, guerra e imagens](#)

[JACAR - Japan Center for Asian Historical Records](#)

[National Diet Library Digital Collections](#)

[National Archives of Japan - arquivo digital](#)

[Japan Search - agregador nacional de acervos](#)

[National Institute of Korean History - Korean History Database](#)

[National Archives of Korea - portal em inglês](#)

## **Sudeste Asiático e Filipinas**

[Cornell University - Southeast Asia Visions](#)

[University of Michigan - The United States and its Territories, 1870-1925](#)

[National Library Board Singapore - NewspaperSG](#)

[National Archives of Singapore - Archives Online](#)

[National Library of the Philippines](#)

## **África, partilha e resistências**

[UNESCO - volume VII, África sob dominação colonial](#)

[South African History Online](#)

[African Online Digital Library - página institucional da Michigan State University](#)

[Digital Namibian Archive](#)

[British Library - Africa collections](#)

[Smithsonian National Museum of African Art - coleções](#)

[SlaveVoyages - tráfico atlântico e intra-americano](#)

[UCL Legacies of British Slavery - pessoas, propriedades e compensações](#)

[Passados Presentes - memória da escravidão e história pública](#)

## **Brasil e América Latina**

[Biblioteca Nacional Digital do Brasil](#)

[Hemeroteca Digital Brasileira](#)

[Fundação Biblioteca Nacional - Memória do Mundo](#)

[Arquivo Nacional - Base de Dados de Acervos Digitais](#)

[Arquivo Nacional - Sistema de Informações do Arquivo Nacional](#)

[Brasiliana USP - livros, mapas e periódicos](#)

[FGV CPDOC - Atlas Histórico do Brasil](#)

[Museu da Imigração - acervo digital](#)

[SciELO Brasil - artigos acadêmicos de acesso aberto](#)

[Memoria Chilena - Biblioteca Nacional do Chile](#)

[Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional da Argentina](#)

[Hemeroteca Nacional Digital do México](#)

## **Estados Unidos, emancipação e império**

[National Archives - Milestone Documents](#)

[National Archives - Freedmen's Bureau records](#)

[Library of Congress - Chronicling America](#)

[Digital Public Library of America](#)

[Smithsonian NMAAHC - coleções e história afro-americana](#)

[Carlisle Indian School Digital Resource Center](#)

[Smithsonian Native Knowledge 360 - perspectivas indígenas](#)

[Library of Congress - World of 1898](#)

[Library of Congress - Spanish-American War in Motion Pictures](#)

[Library of Congress - Spanish-American War classroom materials](#)

## **Austrália, Nova Zelândia e Pacífico**

[Trove - jornais, imagens e acervos australianos](#)

[National Library of Australia - pesquisa sobre o Pacífico](#)

[National Library of Australia - Australian Joint Copying Project](#)

[National Library of New Zealand - Papers Past](#)

[DigitalNZ - agregador de acervos da Nova Zelândia](#)

[New Zealand History - história nacional e maori](#)

[Te Ara - Encyclopedia of New Zealand](#)

[Waitangi Tribunal - tratado, textos e interpretações](#)

## **Cursos e aulas abertas**

[Open Yale Courses - European Civilization, 1648-1945](#)

[MIT OpenCourseWare - The World: 1400-Present](#)

[Columbia Asia for Educators - aulas e módulos](#)

[UNESCO - recursos educativos da História Geral da África](#)

[BBC In Our Time - arquivo de episódios de história](#)

## **Séries e documentários recomendados**

[PBS American Experience - America 1900](#)

[PBS - Reconstruction: America After the Civil War](#)

[PBS American Experience - The Abolitionists](#)

[PBS Asian Americans - Breaking Ground](#)

[PBS American Masters - W. E. B. Du Bois](#)

[PBS - Africa's Great Civilizations](#)

[PBS - Native America](#)

[PBS - The Roosevelts, In the Arena 1901-1910](#)

[Imperial War Museums - acervo sobre conflito e império](#)

## **Como avaliar um vídeo histórico**

- Confirme especialistas, instituição produtora e bibliografia.
- Diferencie filmagem contemporânea, reconstituição e material de arquivo.
- Verifique se o mapa distingue colônia, reivindicação, esfera e ocupação.

- Observe quem narra e quais comunidades aparecem apenas como cenário.
- Compare uma afirmação central com monografia e fonte institucional.
- Registre episódio, minuto, data de acesso e limite da evidência.

**Direitos de uso:** Os links podem ser citados, mas cada imagem, mapa, filme ou documento possui licença própria. Confirme os direitos no item específico antes de publicar em blog, vídeo ou material comercial.

## Roteiro de estudo em oito semanas

### Semana 1 - Método e mundo de 1850

Leia apresentação e capítulos 1 e 2. Construa quadro com Grã-Bretanha, Qing, Rússia, Otomanos, Índia, Japão, cinco formações africanas e quatro Estados americanos. Para cada um, anote receita, trabalho, infraestrutura e soberania.

Produto: texto de uma página explicando por que vantagem britânica não equivalia a governo mundial.

### Semana 2 - Indústria, cidade e trabalho

Leia capítulos 3 e 4. Escolha uma cadeia de aço, algodão, carvão, borracha ou eletricidade. Siga matéria-prima, capital, fábrica, transporte, consumo e resíduo.

Produto: fluxograma com benefício, dependência e custo deslocado em cada etapa.

### Semana 3 - Nacionalismos e impérios europeus

Leia capítulos 5 e 6. Compare Itália, Alemanha, Rússia e Habsburgos sem supor que Estado-nação era solução natural. Use mapa linguístico e uma lei de cidadania.

Produto: matriz entre escola, exército, voto, idioma e autonomia.

### Semana 4 - Otomanos, Índia e China

Leia capítulos 7, 8 e 9. Compare dívida, ferrovia, censo, reforma militar e constitucionalismo. Identifique quem financiou, traduziu, administrou e contestou.

Produto: artigo curto chamado Reforma não é cópia: três impérios em transformação.

### Semana 5 - Japão, Sudeste Asiático e Pacífico

Leia capítulos 10 e 11. Compare Estado Meiji, Siam, Filipinas e uma colônia de povoamento. Distinga reforma defensiva, construção nacional e expansão imperial.

Produto: quadro mito versus evidência sobre modernização japonesa e sobrevivência siamesa.

### Semana 6 - Áfricas e partilha colonial

Leia capítulos 12 e 13. Use UNESCO volume VII, uma fonte africana e um arquivo colonial. Compare Etiópia, Asante, Samori, Sokoto e uma região sob concessão.

Produto: cronologia que separa conferência, tratado, campanha, ocupação e resistência.

### Semana 7 - Emancipação, Américas e migrações

Leia capítulos 14, 15 e 16. Compare Estados Unidos, Brasil, Cuba, Índia contratada e uma comunidade indígena. Marque lei, terra, trabalho, família, cidadania e mobilidade.

Produto: ensaio de 900 palavras sobre por que liberdade jurídica e liberdade material não são idênticas.

## Semana 8 - Síntese e publicação

Leia capítulo 17 e apêndices B e C. Escolha cinco formações coexistentes em 1914 e compare capacidades sem ranking. Revise cada afirmação global e cada licença visual.

Produto: artigo de blog entre 1.500 e 2.000 palavras, seis referências, dois links de fonte primária, uma tabela autoral e legenda de direitos para cada imagem.

## Checklist final de estudo

1. Diferencio nacionalismo, Estado-nação e império?
2. Explico industrialização como sistema, não invenção isolada?
3. Reconheço trabalho feminino, doméstico, rural e coercitivo?
4. Distingo dívida, influência, protetorado e colônia?
5. Explico o Raj com recursos e intermediários indianos?
6. Identifico reformas Qing antes de 1911?
7. Relaciono Meiji a construção nacional e colonialismo?
8. Sei o que a Conferência de Berlim decidiu e não decidiu?
9. Centralizo instituições e escolhas africanas?
10. Separo abolição legal de pós-abolição?
11. Relaciono migração de massa a exclusão racial?
12. Explico 1914 por sequência de decisões, não destino?
13. Registro incerteza em estimativas?
14. Verifico licença de cada imagem antes de publicar?

## Encerramento e ponte para o Volume 12

Por volta de 1914, a integração do mundo era mais rápida, a indústria mais poderosa e a distribuição de soberania mais desigual. A passagem ao Volume 12 será tratada como continuidade e ruptura combinadas: impérios europeus controlavam territórios extensos; Japão e Estados Unidos também eram potências coloniais; movimentos anticoloniais haviam criado imprensa, associações, boicotes e linguagens nacionais; trabalhadores organizavam partidos e sindicatos; pessoas libertas e povos indígenas disputavam cidadania e terra. A guerra não apagaria essas estruturas - mobilizaria e transformaria muitas delas.

A guerra que começou na Europa seria mundial porque impérios recrutavam soldados, recursos, navios, crédito e trabalho em muitos continentes. Ela não suspenderia as histórias deste volume: transformaria nacionalismos, ampliaria Estados, aceleraria revoluções e abriria novas promessas de autodeterminação que continuariam distribuídas de forma desigual.

O Volume 12 poderá examinar c. 1914-1945: guerras mundiais, revoluções, crise econômica, fascismos, colonialismo, anticolonialismos, genocídio, transformações do trabalho e novos projetos internacionais. O desafio será explicar violência e ruptura com rigor, sem apagar sociedades que continuaram a criar política, ciência, cultura e redes de solidariedade.

**Continuidade da coleção:** O próximo volume começará com uma guerra imperial e seguirá suas consequências globais. A pergunta central será como mobilização total, revolução, crise e racismo de Estado alteraram soberania, cidadania e projetos de futuro entre 1914 e 1945.